

Revista Appai

EDUCAR

Informação ao Profissional de Educação

Mala Direta Postal
Básica

9912341218/13/DR-RJ
APPAI

... CORREIOS ...

SAÚDE MENTAL NAs ESCOLAS

Os massacres ocorridos nas escolas dão claros sinais de que a saúde mental precisa ter mais atenção, diante da carência de práticas e intervenções disponíveis à comunidade escolar

Língua Portuguesa

Descubra como está o seu conhecimento de concordância em língua portuguesa e conheça algumas práticas para diminuir suas dúvidas

Literatura

Quantos livros você lê por mês? Qual foi o último? Nem sempre é fácil manter o hábito da leitura, não é mesmo? Errado. Agora não mais. Veja como



Opinião

A leitura fora da caixa

Priscila de Albuquerque Lima

Todos sabemos a importância da literatura infantil fazer parte de nossas aulas e como esse contato com os livros ajuda na formação de novos leitores, mas apenas saber não é o bastante. Se desejamos que nossos alunos tenham o hábito de ler, a leitura precisa fazer parte de nossas vidas em primeiro lugar. Bartolomeu Campos de Queirós dizia que era preciso ter o “hálito” da leitura, sim, hálito. Algo que vem de dentro de nós e é transmitido quando falamos.

O gosto pela leitura precisa estar entranhado em nós de tal forma que possamos transmitir isso a outras pessoas. Ainda me lembro dos primeiros livros que ganhei, vinham com uma fita cassete contendo as histórias narradas, e até hoje me recordo perfeitamente de cada história contada, cada palavra, que ouvi repetidamente até

decorar. Lembro da voz, da entonação das palavras, das pausas e de cada sensação que elas produziam em minha mente. Sei perfeitamente que as marcas deixadas pela leitura e contação de histórias podem ser sentidas por toda a vida, por isso precisamos refletir sobre o que desejamos gravar nos corações de nossos alunos. Está em nossas mãos conduzir dezenas de possíveis novos leitores ao mundo encantado da leitura.

Devemos ter cuidado do que e de que forma lemos ou proporcionamos esses momentos em nossa sala de aula. Se encaramos como obrigação, nossos alunos também o farão, mas se mostramos a eles como isso pode ser prazeroso e fazer parte do dia a dia da rotina escolar e das nossas vidas, então as possibilidades serão infinitas.

Devemos permitir que os livros sejam acessíveis aos alunos. Pois se “a boca fala do que o coração está cheio”, que eles possam ler, reler, contar e recontar, até mesmo brincar com as histórias e livros, para que possam encher seus corações, até transbordar, e isso será o que veremos sair de suas bocas, refletindo para sempre em suas ações.

Priscila de Albuquerque Lima é escritora de livros infantis, especialista em Alfabetização e Letramento, graduada em Serviço Social e professora da Rede Municipal de Educação.



Tragédias e ataques nas escolas: deixamos de ser espectadores

Ellen Pompeu

A escola é uma das instituições mais relevantes de um país. É através dela que são dados os primeiros passos para a evolução de uma sociedade. Porém, com o passar dos anos, não só a figura do professor foi perdendo respeito, como também as escolas se tornaram um ponto de amplificação da violência ocorrida nas ruas, demonstrando o impacto das mudanças na sociedade na vida das crianças e adolescentes.

Os resultados são muros e portões cada vez mais altos, descaracterizando a instituição escolar, que não resolvem o cerne da violência neste espaço, além dos alunos com necessidades de ajuda comportamental, que são vítimas de *bullying*, crise de ansiedade, depressão, dependência química, entre outros problemas.

Somado a isso, vemos uma gestão pública ineficiente com poucos movimentos para combater as razões estruturais da insegurança nas ruas e tampouco nas escolas. É sabido que é preciso se voltar de forma prioritária para questões administrativas e de infraestrutura nas instituições de ensino. Os governantes também precisam olhar com mais inteligência para os programas de melhoria de segurança pública. São inúmeras as saídas para breçar o avanço da criminalidade, inclusive nas escolas.

Policimento e rotas ostensivas são necessárias, mas conscientização e treinamentos também são igualmente fundamentais. Pessoas treinadas tornam-se

mais eficazes em situações de risco. Não se limitando ao uso do armamento de fogo, mas sim de termos pessoas bem preparadas para casos inesperados. O Brasil não está acostumado com isso. No México, por exemplo, pessoas são treinadas para abalos sísmicos. Nos Estados Unidos há simulações para ataques em escolas. Ou seja, temos que olhar para fora e reconhecer que não somos mais espectadores de tragédias internacionais.

Em aspectos práticos, a adoção de medidas de primeiro nível de segurança já seria um passo inicial para garantir a integridade de alunos e professores. A criação de um sistema de inteligência, contemplando o monitoramento comportamental dos estudantes de canais de ajuda é o ponto inicial para criar círculos que possam identificar e antecipar tragédias. Essas iniciativas integradas, somadas ao mapeamento dos riscos, revisão dos procedimentos, e das estruturas físicas e tecnológicas das escolas, seminários de comportamento preventivo, treinamentos periódicos dos agentes de segurança para capacitar estes profissionais a identificarem situações vulneráveis e como agir nos momentos de crise são medidas que ajudariam no controle da violência.

Lembrando que não são regras, mas sim boas práticas de segurança e proteção nos ambientes escolares. Alunos, educadores e pais agradecem.

Ellen Pompeu é especialista em segurança e sócia-diretora da ICTS Security, consultoria e gerenciamento de operações em segurança, de origem israelense.

EXPE DIEN TE	Conselho Editorial Julio Cesar da Costa Ednaldo Carvalho Silva	Colaboração Tony Carvalho e Sandra Martins	Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar: End.: Rua Senador Dantas, 117/229 2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ. CEP: 20031-911 E-mail: jornaleducar@appai.org.br redacao@appai.org.br www.appai.org.br Tel.: (21) 3983-3200
	Jornalista Editora Antônia Lúcia Figueiredo (M.T. RJ 22685JP)	Designer Gráfico Luiz Cláudio de Oliveira	
	Coord. de Comunicação Luiz André Ferreira	Assist. de Designer Gráfico Yasmin Gundin	
	Assist. de Editorial/Comunicação Jéssica Almeida, Richard Günter e Luíza Morato	Periodicidade e tiragem Bimestral – 82.000 (oitenta e dois mil)	
	Revisão Sandro Gomes	Impressão e distribuição Edigráfica – Correios	

▪ Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

NÃO HÁ CONCORDÂNCIA QUANTO À DIFICULDADE

Por Sandro Gomes*



Os casos de concordância estão entre aqueles que mais são apontados pelas pessoas como de difícil entendimento em língua portuguesa. Porém, alguns estudos podem ser praticados para diminuir as dúvidas. Quem sabe depois de ler o que vem abaixo você nem concorde mais que há dificuldade nessa questão? De início vamos abordar as situações envolvendo nomes.

– É necessário / É proibido / É preciso

É necessária a sua presença no evento (*presença*, um substantivo feminino, é o sujeito. *Necessária* é o adjetivo que deve concordar em gênero e número com ele). Agora observe:

Vitamina é necessário para o corpo. Estamos falando de vitaminas de um modo geral e não de uma em particular. Assim, apesar de se tratar de um substantivo feminino, essa circunstância faz com que a concordância se dê com o masculino. Repare que é como se houvesse uma palavra subentendida na oração: *Vitamina é* (algo) *necessário para o corpo.*

Seguindo essa mesma lógica, veja outros exemplos.

(Consumir) *Bebida é proibido aqui.*

As fotos são proibidas no museu.

É preciso (ter) *cautela nesse caminho.*

Suas informações são precisas.

– O uso do mesmo

As mesmas pessoas estiveram presentes.

Aqui *mesmo* é sinônimo de *próprio*, ou seja, um adjetivo. Por isso a concordância em número e gênero. Agora Veja.

As pessoas mesmo não deixaram de ir.

Nesse caso, *mesmo* tem o sentido de “de fato”, um advérbio, que como todos dessa classe é invariável em gênero, número ou grau.

A mesma lógica pode ser aplicada no caso de termos como *só*, *anexo* e *incluso*. Observe.

Os documentos estão anexos (adjetivo) *ao dossiê.*

Anexo (advérbio de modo) *envio as cartas.*

Duas frutas inclusas (adjetivo) *no pacote foram encontradas.*

Mandarei incluso (advérbio de modo) *o relatório.*

Ela ficará só (adjetivo) *no quarto.*

Ela ficará só (apenas, um advérbio) *por precaução.*

– Uso de termos que apenas são usados no plural

Perdi meus óculos na festa.

Aquele óculos foi roubado.

Apesar de usada cotidianamente, a segunda oração não é indicada, pois, mesmo se tratando de um único objeto (no caso os *óculos*), ele deve ser entendido como um termo no plural e seguir assim as normas de concordância. Desse modo, o correto seria *Aqueles óculos foram roubados.*

Deve-se empregar o mesmo raciocínio em outros casos semelhantes. Veja os exemplos.

Supei minhas calças (e não minha calça).

Ela tem belos olhos negros (e não belo olho negro).

Amigos, é isso. Poderíamos abordar ainda vários outros casos, mas o nosso espaço infelizmente não permite. Porém, creio que pelo que foi trazido já dá pra ter uma ideia de como funciona a concordância entre nomes. Procure sempre praticar um olhar crítico sobre os textos que escreve ou lê para entender casos como os acima exemplificados. Até a próxima, pessoal!

*Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, colunista da Appai, Escritor e Mestre em Literatura Brasileira.

CIÊNCIA NA MINHA VIDA?

Sim! Ela está presente em todo e qualquer lugar

Em casa, no trabalho, no carro e até no nosso corpo. Aprender sobre ela é de extrema importância e pode facilitar, e muito, a nossa vida. Por isso, a Escola Municipal Maximino José Pacheco, localizada em Guapi-mirim, foi uma das instituições que participaram da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, com objetivo de ampliar atividades criativas e inovadoras e promover a troca de conhecimento na comunidade escolar.

A professora e idealizadora do projeto, Viviane Noronha, conta que a iniciativa surgiu em 2005 e de lá pra cá é realizada todo ano. “Devido à falta de eventos com essas temáticas na região foi criado um comitê organizador – formado pela 10ª Coordenadoria Regional de Educação, Embrapa Agroindústria de Alimentos e Fundação Xuxa Meneghel – que viabilizou recursos, promovendo a interação de diversas instituições”, explica Viviane.

Segundo ela, a Semana Nacional de Ciência e Tecnologia da Zona Oeste ocorre de forma participativa, com atividades gratuitas, e cada instituição parceira define como contribuir, disponibilizando suas competências. Esses encontros resultam em feiras de ciências, palestras, oficinas, mostras de vídeos, atividades e jogos interativos, exposições, experimentos, apresentações artísticas e culturais.

Uma dessas ações aconteceu na Escola Maximino, onde os professores Adelino Carlos Ferreira de Souza e Bruno de

Souza de Aquino ofereceram a palestra Física Divertida. Responsável por levar e organizar o projeto na escola, Viviane contou com o apoio da diretora

Zineide Araújo e da educadora Ida Carolina Neves, responsável pela propagação do evento na Zona Oeste.

O estudante Hiago Marques da Costa, da turma 803, conta que aprendeu e se divertiu bastante durante o projeto. “Tive uma consciência mais abrangente sobre como tratar a natureza e adorei participar da palestra sobre o universo e os planetas”, relata. O

educador Bruno completa afirmando que o evento proporcionou aos alunos uma experiência de aprendizado que vai além da tradicional. “E para nós, professores, um momento de reflexão, inspiração e redescoberta docente”, finaliza.

“Tive uma consciência mais abrangente sobre como tratar a natureza e adorei participar da palestra sobre o universo e os planetas” - Hiago Marques da Costa



Os encontros resultaram em feiras de ciências, palestras, oficinas, atividades, jogos interativos e experimentos



■ Por Jéssica Almeida

Escola Municipal Maximino José Pacheco

Rua Doutor Felipe Thiago Gomes, s/nº - Centro - Guapimirim/RJ

CEP: 25946-217

Tel.: (21) 2632-2246

E-mail: coordenacaoguapi@hotmail.com

Fotos cedidas pela escola

A EVOLUÇÃO DO LÁPIS

Uma integração entre tecnologia e criações lúdicas

Entre os diversos instrumentos de escrita, o lápis é sem dúvida o mais universal. É com ele que os alunos do mundo todo aprendem a proferir os primeiros rabiscos até chegar no estágio da escrita. Mas você sabia que se trata de um produto que tem uma durabilidade mais extensa, que não é afetado por variações climáticas e escreve até debaixo d'água ou no espaço? Será que existe um outro instrumento tão versátil quanto o lápis?

A sua história se confunde até mesmo com a evolução da humanidade. Por isso, a sua autoria é uma incógnita até hoje. Se tem conhecimento apenas de alguns marcos históricos, como o de Plínio, um naturalista romano conhecido como “o velho”, no ano de 70 d.C., quando há os primeiros vestígios de rabiscos com o que hoje podemos chamar de grafite. É nesse universo que os alunos do Colégio Flama realizaram um projeto pedagógico muito divertido, que integrou as turmas do 7º ano e do 3º do Ensino Médio, além de aguçar a curiosidade e proporcionar que eles interagissem de forma lúdica na produção de objetos que refletissem a evolução histórica.



De acordo com Alessandra Macedo, professora e coordenadora do curso de eletrônica, a ideia de apresentar a história e o avanço do lápis de forma descontraída surgiu em um bate-papo com a docente de língua portuguesa Mércia Elita. “A partir daí conversamos com os alunos do 7º ano da manhã. E diante da empolgação dos estudantes em executar um projeto de forma integrada entre ambas as turmas, decidimos colocar em prática”, comenta.

Com ajuda do professor de matemática, Diogo de Jesus, além do comprometimento dos alunos de ambas as turmas para realização do projeto, promoveu-se uma grande parceria, que gerou a realização da Feira Integrada da Escola. O evento contou ainda com o auxílio dos responsáveis dos alunos e da direção da instituição.

Para que a metodologia fosse cumprida de forma exata, os professores montaram um roteiro que a cada aula tomava nova forma e dimensão, como foi o caso da utilização de materiais sucateados, reciclados e sobras. Durante as aulas, os alunos mostraram-se entusiasmados ao serem solicitados para

que trouxessem garrafas *pet* (que serviram de base ou suporte para os lápis produzidos de cartolinas) e caixas de papelão (para representar a embalagem dos lápis de cor e aqueles produzidos de materiais descartados dos suportes nos rolos de tecidos).

Outros itens solicitados foram cabo de vassoura e rodo, que após cortados, lixados e pintados com tinta guache tomaram a forma de lápis. “Adicionamos as pontas descartadas pelos apontadores para serem reaproveitados nas decorações, e os lápis usados de todos os tamanhos serviram para decoração de porta-lápis feitos de latas de achocolatados e leite em pó”, explica Alessandra.

À medida que os alunos se aprofundavam nas pesquisas, o interesse só aumentava e as descobertas eram comentadas, como o respeito quanto à importância do lápis na vida de todos. As possibilidades eram tantas que foi preciso limitar o projeto pela escassez do tempo. “Precisávamos concentrar e focar na apresentação e juntos traçamos um roteiro para ser explorado, que acabou constando de temas



Os alunos produziram os lápis com garrafas tipo *pet* e caixas de papelão para representar a embalagem dos lápis de cor

como um resumo da história do lápis, curiosidades sobre ele ou seu uso concomitante com a eletrônica”, esclarece Alessandra.

Com muita criatividade, a equipe do curso de eletrônica trabalhou no desenvolvimento de uma pista luminosa que acende como se fosse uma “amarelinha” (versão lápis colorido), que representava a entrada para o conhecimento da história do objeto. Também foram utilizados os materiais sucateados, como o isopor, suporte transparente de caneta tinteiro, fita de *led*, o aparelho gerador de sinal, entre outros itens. “Não tínhamos ideia de que o lápis, desde a Antiguidade, havia revolucionado a vida de toda a humanidade. A temática possibilitou aos alunos do Colégio Flama e todos os envolvidos se descobrirem como escritores, pesquisadores e artistas. Cada pequena contribuição trouxe satisfação pelas horas de trabalho árduo, porém gratificante”, ratifica.

De acordo com a direção escolar, outro aspecto importante para a apresentação da Feira Integrada foi a mobilização dos alunos na divisão das atividades, explicações, arrumação e propostas de organização entre eles. “Misturar tecnologia e utilização de métodos antigos, como lápis em vez de lapiseira, a contribuição da tecnologia e acima de tudo traçarmos riscos, desenhos, cartazes, os quais muitas vezes são descartados de forma descompromissada, proporcionou, para os alunos, professores e responsáveis, experiências únicas”, analisa Aline Rangel, diretora do Colégio Flama.

■ Por Richard Günter

Colégio Flama

Unidade Instituto Santa Clara: Rua Albino Imparato, 47 – Vila Guanabara – Duque de Caxias/RJ

Unidade Nilo Peçanha: Rua Tenente José Dias, 533 – Centro – Duque de Caxias/RJ

Professores Envolvidos: Alessandra Macedo (Coordenadora de Eletrônica); Mércia Elita (Língua Portuguesa) e Diogo de Jesus (Matemática).

Diretora: Aline Rangel

E-mail: diretoraalinerangel@gmail.com

Fotos cedidas pela escola



NA MANCHETE: OS 130 ANOS DA ABOLIÇÃO

A história vivida, ouvida,
pesquisada e impressa é a base
do conteúdo para a produção
textual dos alunos

Memória e identidade compõem a linha editorial do Jornal Discente Simão da Motta, na edição referente aos 130 anos da Abolição. A publicação é uma produção das turmas do 9º ano do Ensino Fundamental (901 e 902) da escola municipalizada localizada no bairro de Vila Olímpia, em Guapimirim. Esta é a oitava edição da proposta desenvolvida pela professora da disciplina de História, Lucimar Felisberto dos Santos, que tem por objetivo incentivar os alunos na pesquisa, análise e produção textual, assim como motivá-los a perceber as inter-relações entre o local e o global. Mas, para isso, assumir desafios, como o de abrir-se ao aprendizado de uma redação crítica e de qualidade.

Ler e escrever não são verbos de fácil usabilidade em tempos de virtualidade. Por outro lado, independente das condições socioeconômicas, a assimilação com a convergência tecnológica é o universo dos jovens. Ao analisar este quadro, a professora Lucimar pensou em um projeto que os estimulasse a sair da zona de conforto e no qual interagissem com os conteúdos didáticos de forma mais prazerosa. Como pano de fundo, a atividade visa “melhor interação aluno/aprendizado, aluno/aluno e aluno/professor”. Para ela, um jornal é uma ótima ferramenta pedagógica que possibilita variadas estratégias.

Para a pesquisadora, que tem pós-doutorado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, torna-se necessário o aprendizado da utilização das variadas fontes de infor-

mações às quais os jovens têm acesso na vida escolar. E a produção de um jornal por alunos do nono ano do Ensino Fundamental surgiu como uma excelente ferramenta para treiná-los no uso da internet como possibilidade de pesquisa escolar de forma qualificada e, também, iniciá-los na crítica conjuntural. O jornal, de formato A-4, tem periodicidade quinzenal. Há colunas fixas como o editorial (escrito por Lucimar), História 1 e 2, Cultura 1 e 2, Informes, “Se liga”, Personalidade da edição e Funcionário da unidade.

Com os textos de “crítica conjuntural”, a ideia foi a indução da produção de matérias com diagnósticos de fatos históricos, inseridos e informes, além de entrevistas com funcionários da comunidade escolar. Para tanto, a professora orientou os alunos-jornalistas a relacionarem o local com o global. Esta interação pode ser evidenciada pelos temas abordando o fato histórico que marcou os rumos do país, influenciando, inclusive, na mudança do

regime político: da monarquia para o republicano. Para aguçar o interesse dos estudantes, Lucimar levou-os a perceber que estavam localizados em um determinado tempo histórico, com uma dada cultura e lógica de pensar diferentes daquela do período em que iriam se debruçar. Ou seja, a comparação deveria respeitar os contextos da época.

A proposta deste trabalho de gestão compartilhada entre a docente e os discentes foi dar visibilidade para dados históricos, em geral esmaecidos na historiografia brasileira. E, consequentemente, nos conteúdos que chegam à sala de aula: o protagonismo dos africanos e seus descendentes na construção de um “legado social que remonta ao período do cativeiro”. Segundo o editorial, “o protagonismo das mulheres negras pode ser considerado um marco do período histórico pós-Abolição”, destacando o empenho das “últimas gerações, que vêm procurando não repassar a herança social recebida”, e de que, apesar das condições de sub-

serviência e maus-tratos, “homens e mulheres escravizados contribuíram nas causas antiescravistas. Muitos buscaram meios de amenizar as condições de cativos, enquanto outros procuraram angariar recursos para indenizar os seus senhores e, assim, tornarem-se libertos”.

No editorial assinado pela editora chefe, “há evidências de que a prioridade era dada às mulheres, quando da decisão sobre quem alforriar. O que pode se dever ao fato de o ventre definir a condição social”. No seu entendimento, é possível imaginar que o maior quantitativo de alforriadas se deveu “à agência das escravizadas”. E exemplifica com a trajetória da família de uma das alunas cuja mãe veio do interior da Bahia e se instalou em Magé na década de 1980. “Ela traz na memória registros de inúmeras situações de violência vividas na infância e na adolescência”. Experiências semelhantes por que passaram outras mulheres de sua família, como sua mãe. Para esta senhora, a luta para que sua filha tenha um destino diferente é algo constante.

O diálogo entre o ontem e o hoje insta os alunos a analisar o seu próprio tempo/espço, a história local e nacional, assim como o global. No local, a escola, incluindo os personagens que a compõem, que foi tema da coluna “Funcionário da Edição”, numa entrevista que propõe conhecer o que motiva o cotidiano laboral e suas reflexões sobre o tema do jornal, que neste número dá destaque aos 130 anos do fim da escravidão. Em contrapartida, na coluna Personalidade os alunos escolhem uma figura pública de relevância internacional.

Nas colunas História 1 e História 2, os contextos históricos também acompanham a lógica de se discutir a história nacional a partir da local e da local dentro do contexto nacional. Assim, no primeiro momento, buscou-se enfatizar a ideia de que os alunos, percebendo seu lugar de origem, olham para a História Nacional.

Com a história do Brasil sendo percebida a partir da nossa localidade, apresentam-se dados sobre a trajetória do município de Magé, iniciada em 1565 com o “sesmeiro Simão da Motta, que doou uma fração de suas terras em um outeiro às margens da Baía de Guanabara para a construção de uma capela para Nossa Senhora da Piedade de Magepe. Em 1789 foi instalada a Câmara Municipal, que em seu primeiro ato ‘simplificou o nome da Vila Magepe para Magé’”. E, em “1857, a Vila de Magé é alçada à categoria de cidade”. Na História 2, tratou-se da contextualização sociopolítica do município do século XVI até a atualidade. Nesta perspectiva, está implícita a ideia de sua história em um contexto político nacional.

De posse do produto final, os trios de alunos-repórteres tiveram a oportunidade de, junto com os demais colegas, fazer uma avaliação coletiva. Todos e todas vão se animando cada vez mais em pesquisar, escrever e oferecer ideias para a próxima edição. E mesmo aqueles que por ventura tiveram dificuldades para entregar seu material se motivaram, porque “não havia cobranças e desgastes, todos percebendo que aprendiam fazendo, conforme os ensinamentos dos mestres Célestin Freinet e Paulo Freire”, concluiu a coordenadora Lucimar.

■ Por Sandra Martins

Escola Municipal Simão da Motta

Rua Urano, 44 – Vila Olímpia – Guapimirim/RJ

CEP: 25940-050

Tel.: (21) 2633-4335

E-mail: lucimarfelisbertodossantos@gmail.com

Coordenadora: Lucimar Felisberto dos Santos

Fotos cedidas pela professora





Cidadania

ÍCONE DAS CAUSAS HUMANITÁRIAS

Homenagem a Nelson Mandela estimula o respeito às diferenças e o diálogo intercultural entre os alunos

Um dos mais importantes sujeitos políticos atuantes contra o processo de discriminação instaurado pelo Apartheid, na África do Sul, Nelson Mandela é, sem dúvida, uma personalidade que precisa ser estudada. O Colégio Sant'Anna, localizado em Araruama, sentiu a necessidade de abordar temas contemporâneos que afetam a vida humana e que vêm ao encontro da lei que estabelece a temática "História e Cultura Afro-Brasileira".

O projeto multidisciplinar favoreceu o respeito às diferenças e o diálogo intercultural entre os discentes. A turma do 6º ano, por exemplo, confeccionou mandalas na disciplina de Matemática, realizou maquetes que retratavam a segregação racial na disciplina Ética e Cidadania, criou máscaras africanas em Artes, e a biografia de Nelson Mandela foi utilizada na disciplina de Língua Portuguesa. Já os alunos de 7º e 8º anos desenvolveram atividades como paródias (História), jogos africanos (Matemática), poesias (Português), desfile (Ed. Física), coral e cartazes (Inglês).

A coordenadora de Ensino Fundamental II, Marinês Ferreira da Costa, ressalta que toda a equipe se envolveu para realização do projeto com intuito de estimular a formação ética do educando: "Elemento fundamental para a formação das novas gerações, auxiliando os alunos a construir um sentido de responsabilidade para valorizar os direitos humanos, o fortalecimento de valores sociais e a preocupação com as desigualdades", explica.

De acordo com Marinês, o projeto foi um importante passo para a responsabilidade do cidadão. "Proporcionou aos alunos a capacidade de interpretar o mundo, de compreender processos sociais, políticos e culturais e de atuar de forma ética, responsável e autônoma. Foi enriquecedor!", finaliza.



Os alunos confeccionaram maquetes, jogos africanos, cartazes e diversas atividades na culminância do projeto

■ Por Jéssica Almeida

Colégio Sant'Anna

Rua XV de Novembro, 336 – XV de Novembro
Araruama/RJ

CEP: 28970-000

Tel.: (22) 2674-0777

Site: www.csantanna.com.br

Fotos cedidas pela escola

Interdisciplinaridade

EMBARQUE NESSA VIAGEM

Feira do conhecimento é passaporte para alunos aprenderem mais sobre a cultura brasileira

Estudar a nossa cultura nunca é demais! Tem sempre algo para aprender e compartilhar. Ainda mais o Brasil, um país extremamente rico em sua diversidade. O Centro Educacional Celistre, localizado em Jardim América, criou um projeto para identificar e promover a diversidade cultural do país. A turma da Educação Infantil, por exemplo, encontrou grandes novidades sobre artesanato, dança, habitat e comidas a partir da descoberta do Brasil. Já as turmas do Ensino Fundamental continuaram a viagem explorando os continentes ao redor e observaram alguns países que nos trouxeram importantes influências.

Foram abordadas disciplinas como Geografia, História, Ciências e Português, e o trabalho foi dividido em cinco temas. O Infantil 1 trabalhou sobre os hábitos dos indígenas brasileiros. O Infantil 2 desenvolveu atividades sobre a África de onde vieram as pessoas que foram escravizadas, enquanto o Infantil 3 trabalhou a chegada dos portugueses e os costumes que permanecem até hoje. Por fim, o minimaternal trouxe o resultado da miscigenação de todas essas influências que recebemos.

créditos da imagem: <http://www.ma10.com.br/2018/01/24/boi-de-sao-simao-se-apresenta-neste-sabado-em-sao-luis/#prettyPhoto>

Temas desenvolvidos

Povo Indígena (Infantil I)

Quem são? Quais as etnias? As línguas? Os costumes? Tipos de danças? Brincadeiras?

Povo Europeu (Infantil III)

Quem são? De onde vieram? As línguas? Os costumes? Tipos de danças? Brincadeiras?

Povo Africano (Infantil II)

Quem são? De onde vieram? As línguas? Os costumes? Tipos de danças? Brincadeiras?

Brasil / Folclore (Maternal e Mini-maternal)

Música / Comidas Típicas / Artesanato / Lendas e Danças

1º Ano – Itália

A geografia / Os costumes / Tipos de danças / Brincadeiras / Comidas

2º Ano – Austrália

A geografia / Os costumes / Tipos de danças / Brincadeiras / Comidas

3º Ano – Estados Unidos

A geografia / Os costumes / Tipos de danças / Brincadeiras / Comidas

4º Ano – Japão

A geografia / Os costumes / Tipos de danças / Brincadeiras / Comidas

5º Ano – África do Sul

A geografia / Os costumes / Tipos de danças / Brincadeiras / Comidas

A culminância do projeto teve como objetivo expor todas as atividades desenvolvidas durante os dois meses de Feira do Conhecimento e trouxe a exposição dos trabalhos confeccionados e produzidos pelos alunos em casa e na escola. E claro, um momento de interação e participação com a família. A professora Andréa Cristina, do Infantil III, conta que o projeto foi iniciado com caravelas de papel confeccionadas individualmente por cada

aluno, que enfeitaram a sala. Juntos fizeram uma embarcação portuguesa bem grande para compor o cenário, que foi a atração dos pais e alunos. "As crianças se caracterizaram com trajes portugueses, tiraram fotos, se divertiram e aprenderam sobre esse acontecimento tão importante que foi a chegada dos europeus ao Brasil. Fiquei muito feliz e realizada com o resultado que tivemos", afirma.



Interdisciplinaridade

A turma do 5º ano ficou responsável pela África do Sul e falou sobre os costumes, tipos de danças, brincadeiras e comidas



Os pequenos do 4º ano trabalharam com o Japão e também abordaram os costumes, brincadeiras e comidas

Outro educador que ficou satisfeito com o resultado foi Rodrigo Drumond, do 4º ano. Ele conta que a turma participou de diversos debates para entender um pouco sobre a história do país que trabalharam, o Japão. "Foi incrível toda a realização posta em prática da nossa feira: a árvore de cerejeira arrumada ao canto para representar uma tarde de chá tradicional; o videogame ‘Nintendo’, simbolizando um dos personagens mais aclamados no país, o Mário Bros; o anuário que é um livro escolar com a foto e a descrição do aluno na instituição em que ele estuda. Esses elementos compuseram o nosso trabalho e enriqueceram o conhecimento", finaliza.

■ Por Jéssica Almeida
Centro Educacional Celistre
Rua Padre Peroneille, 704 – Jardim América
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21240-280
Tel.: (21) 3346-5502
Diretor pedagógico: Diogo Celistre
Fotos: Marcelo Ávila

história afro-brasileira

TODO DIA É DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Projeto leva alunos a um posicionamento mais crítico, frente à realidade social em que vivem, a fim de recuperar a verdadeira memória histórica desempenhada por africanos livres, escravizados e afrodescendentes, na formação da sociedade brasileira



Que 20 de novembro é a data em que se comemora o Dia Nacional da Consciência Negra todos sabem. Mas vários educadores alertam que isso não é suficiente para manter acesa a chama da igualdade racial. Para eles, se faz necessário que o tema permaneça em pauta ao longo do ano, tornando acessível – seja no ambiente acadêmico ou fora dele – a pluralidade e a potência do pensamento negro brasileiro. Em Belford Roxo, no Colégio Estadual Bairro Nova Aurora, os professores Lucivaldo Dias, de Geografia, e Eduardo Alves, de Sociologia, coordenam um trabalho exemplar que destaca a importância da raça negra na história do país. Esse trabalho resultou no projeto *Consciência Negra – o Brasil e suas diversidades*, que contou com a participação de alunos do 3º ano do Ensino Médio.

O projeto toma como base a Lei 10.639/03, que propõe diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Em sala de aula, os professores propõem atividades e promovem debates que provocam a reflexão a respeito de fatos históricos que demonstram o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros nacional.

Os estudantes participaram de atividades que provocam a reflexão a respeito de fatos históricos que demonstram o pensamento e as ideias de importantes intelectuais negros brasileiros



Segundo o professor Lucivaldo, os objetivos do projeto são: levar o aluno a identificar e conhecer as especificidades da cultura afro-brasileira, reconhecendo as diferenças nas vivências humanas, presentes na sua realidade e em outras comunidades, próximas ou distantes no tempo e no espaço, aceitando as diferenças, nos planos social e étnico-racial; trazer à tona discussões provocantes, por meio de rodas de conversas, para um posicionamento mais crítico, frente à realidade social em que vivemos; e recuperar a memória histórica, revisando o papel desempenhado por africanos livres, escravizados e afrodescendentes, na formação da sociedade brasileira, resgatando e valorizando a raça negra como

um dos fatores de construção da cultura brasileira. “Após 130 anos da abolição da escravidão no Brasil, ainda existe muita discriminação sofrida pelos negros. Com este trabalho esperamos que a conscientização quanto aos valores do ser humano ultrapasse as fronteiras da violência, do preconceito e do racismo”, justifica.

O professor Eduardo destaca a forma como o projeto instigou o aluno a contextualizar fatos e compreender que ele é um ser atemporal e, por essa razão, precisa estar ciente de que muito do que ele vive hoje é resultado de um passado. “Sob o ponto de vista da Sociologia, é importante discutir temas que dizem respeito à própria evolução da sociedade brasileira. À medida que o aluno traça uma linha do tempo, ele analisa acontecimentos marcantes e suas consequências nos dias atuais. Também descobrem vários personagens afrodescendentes importantes, responsáveis por grandes conquistas, mas de que até mesmo nossos alunos negros e negras nunca tinham ouvido falar. Agora, já os conhecem e passaram a compreender que fazem parte da própria história”, complementa.



Foi montado um estande com livros literários e didáticos que abordam a temática racial

Três turmas se envolveram no projeto. A 3.001 abordou a religiosidade, como explica o professor Eduardo: “As religiões de matriz africana foram incorporadas à cultura brasileira desde quando os primeiros escravizados desembarcaram no país e encontraram em sua prática uma forma de preservar suas tradições, idiomas, conhecimentos e valores trazidos da África. A lei 10.639 abre a oportunidade de desconstrução de certos preconceitos contra a cultura do outro. Ajuda a entender que ela não pode ser criminalizada, pois é o gene da formação da identidade social. Eu não posso olhar o outro e julgá-lo por aspectos da sua cultura. O Brasil tem o seu tecido social construído em cima de matrizes religiosas bem distintas. Por isso, é preciso questionar por que muitas não admitem que outras pessoas tenham o direito de manifestar a sua religiosidade?”, indaga.

Daniel Gustavo é um dos alunos da turma que enfocou as religiões africanas. Para ele, que é praticante de uma religião dessa matriz, o projeto ajuda a quebrar barreiras: “Mostrar a diversidade religiosa é fundamental para que cada indivíduo aprenda a respeitar a religião do próximo e todos possam viver em harmonia”. Já a aluna Anny Caroline teve o pri-

meiro contato com as religiões afro: “Eu não conhecia nada, mas agora passei a compreender a representatividade de cada cerimônia que os praticantes realizam. O importante é não julgar e respeitar as crenças de cada pessoa”.

A turma 3.002 abordou a história de personalidades negras de vários períodos da história do país.

“Eu não conhecia nada, mas agora passei a compreender a representatividade de cada cerimônia que os praticantes realizam. O importante é não julgar e respeitar as crenças de cada pessoa”. - Aluna Anny Caroline

Uma delas foi José do Patrocínio, figura importante nos movimentos Abolicionista e Republicano no país. Outra personalidade selecionada pelos alunos foi Luís Gama, um dos raros intelectuais negros no Brasil escravocrata do século XIX, o único autodidata, que chegou a passar pela experiência do cativo. Os estudantes também destacaram João Cândido, marinheiro que liderou a Revolta da Chibata,

motim ocorrido no início do século XX, em protesto à prática de maus-tratos por oficiais navais brancos ao punir marinheiros afro-brasileiros. O movimento vitorioso pôs um fim aos castigos corporais, mas João foi expulso da marinha. A turma também evidenciou personagens contemporâneos como a atriz Zezé Motta e a ativista Marielle Franco. Também foi montado um estande com livros literários e didáticos que abordam a temática racial.

A turma 3.003 apresentou dados estatísticos e elaborou esquetes retratando cenas do cotidiano que denotam atitudes racistas. “Nem sempre é através da agressão física ou de ofensas que o racismo aparece. No dia a dia das pessoas negras, ele surge em momentos sutis, situações discretas, mas que são fortes o suficiente para aumentar a sua exclusão. Por isso, resolvemos provocar uma reflexão através de encenações. Em uma delas, mostramos a discriminação que acontece numa relação profissional com uma executiva negra. Em outro, dois policiais tomam uma atitude preconceituosa e provocam a morte de um jovem negro”, relata a aluna Grazielle Lima.

De acordo com Fernanda Boechat, diretora adjunta, o projeto atingiu seus objetivos, ao instigar o senso crítico do aluno. “A nossa escola sempre trabalha com projetos ao longo do ano e este, em que o foco foi a valorização da consciência negra, envolveu os estudantes de uma forma muito especial, fazendo com que eles

se empenhassem e participassem com entusiasmo”, afirma. O diretor-geral do colégio, professor Charles Aleixo, complementa: “É sempre importante a escola tomar essas iniciativas. A partir da identificação dessas representações históricas e culturais eles conhecem um pouco das suas origens. Infelizmente, a nossa educação não prioriza a valorização das grandes figuras históricas, personagens que fizeram a diferença. Por isso, um trabalho como esse traz essa possibilidade de o aluno resgatar o passado e conhecer a própria história.

Para o professor Lucivaldo, o mais importante do projeto é que os alunos coloquem em prática o que aprenderam. “Que cada um, já conscientizado do seu papel na sociedade, seja um agente transformador, um indivíduo pleno, dotado de todas as potencialidades”. O professor Eduardo espera que o trabalho tenha feito com que cada jovem seja mais crítico e reflexivo. “Ao elaborarmos essa atividade, objetivamos estimular esses estudantes a projetarem para o futuro o que eles imaginam enquanto sujeitos. Que cada um tenha a consciência de batalhar por um país melhor, com ampla diversidade, mas que possa questionar as desigualdades. E que tudo que foi trabalhado vá além das paredes da escola, que não é apenas uma construção de concreto e tijolo, mas uma edificação de ideias. Que ao sair daqui levem toda essa bagagem como arcabouço para o seu futuro”.



A turma 3.002 abordou a história de personalidades negras de vários períodos da história do país. Uma delas foi a ativista Marielle Franco

■ Por Tony Carvalho

Colégio Estadual Bairro Nova Aurora

Rua Tomás, s/nº – Nova Aurora – Belford Roxo/RJ

CEP: 26155-580

Tel.: (21) 2661-3003

E-mail: cebnarj@yahoo.com.br

Diretor-geral: Charles Aleixo

Fotos: Tony Carvalho

PINTANDO O SETE

A arte de promover
coletividade com crítica
e reflexão

Você sabia que o desenho tem papel fundamental na formação do conhecimento? Ao desenhar, a criança desenvolve a autoexpressão e atua de forma afetiva com a sociedade, opinando, criticando, sugerindo, através da utilização das cores, formas, tamanhos, símbolos, entre outros. Ao valorizar a arte, o professor leva o estudante a se interessar pelas produções que são realizadas por ele mesmo e por seus colegas. O projeto *Pintando o Sete* da Escola Municipal Professora Leopoldina Machado Barbosa de Barros mergulhou nas tintas e promoveu uma grande pintura do conhecimento pelas paredes da instituição.

Iniciado no período da Copa do Mundo em 2018, a atividade se estendeu ao longo do ano e até hoje continua transformando o ambiente e o espaço escolar. Os alunos passam a ter papéis fundamentais como de pertencimento de sua instituição e de sua comunidade fazendo parte da revitalização da escola e seu entorno, sendo tudo realizado pelos alunos sob a observação e acompanhamento de professores e de toda a equipe de direção.



Para que fosse possível concluir com êxito o projeto, os alunos estudaram geometria, literatura, além do senso crítico. O entusiasmo dos jovens também foi responsável pela renovação dos ambientes da unidade escolar

importante manter os jovens dentro da instituição, por mais tempo através do contato com atividades culturais diversificadas. “Dessa forma, além de eles saírem da situação de vulnerabilidade a que ficam expostos nas ruas, têm acesso a uma formação mais completa”, enaltece.

Já a professora Renata Mendes Felício conta que durante as aulas de pintura os alunos tiveram a chance de ampliar seu universo, indo além do cotidiano. “Percebi uma melhora na autoestima dos estudantes, principalmente durante a execução do projeto. Outro aspecto importante é que aproveitamos durante as aulas para trabalhar literatura, geometria, biografias, entre outros conteúdos”, relata.

O maior desafio do trabalho foi mostrar que o lúdico é tão importante quanto os outros conteúdos para a formação completa de um cidadão com senso crítico, sensibilidade apurada e senso estético dentro do contexto em que está inserido. “É

muito gratificante perceber que esses jovens se superam a partir de um trabalho que crê que todo educando tem capacidades, e cabe ao educador retirar as barreiras”, diz Renata Felício.

Uma das principais referências aplicadas neste projeto foram as ideias de Paulo Freire alinhadas ao pensamento teórico de Mikhail Bakhtin, em relação à (re)construção da identidade do homem a partir de sua autopercepção como sujeito de uma voz e do reconhecimento das circunstâncias históricas que permeiam todo o discurso que ele produz e no qual também se produz. Nesse processo de construção de identidade, a palavra - processo e produto da subjetividade humana - foi essencialmente dialógica. Isto é, a própria palavra tecendo a história. Por isso, este projeto teve como objetivo desenvolver a percepção, concentração, coordenação motora e a sensibilidade do estudante através do conhecimento de tendências, dos artistas brasileiros e estrangeiros e da História da Arte, além de motivar e valorizar a sua capacidade de produção.

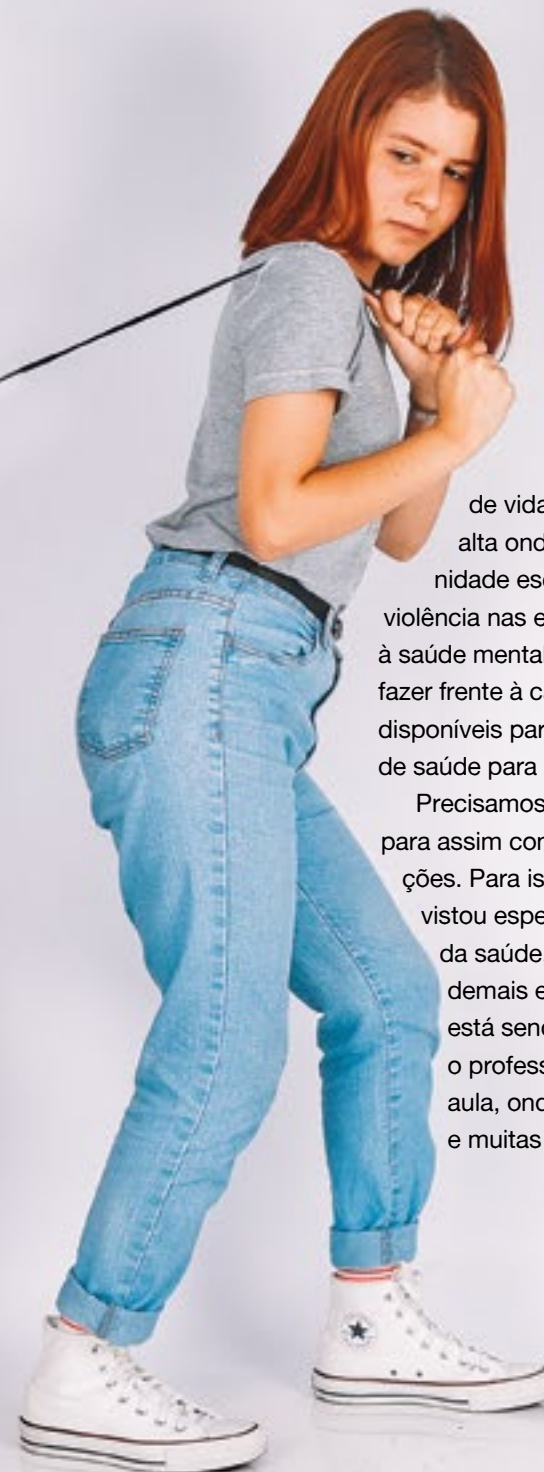
Não à toa, o projeto Pintando o Sete se tornou um sucesso. Os estudantes colocaram a mão na massa e pintaram diversos ambientes da instituição, além de finalizar com organização e decoração, que foi o caso dos pneus que se tornaram canteiros de jardim. Na época da Copa do Mundo ainda foi produzido um painel com os dizeres “A bola rola no Leopoldina”. A fachada da escola também obteve uma nova identidade com o resultado da atividade.

“Como educadores ficamos muito felizes de ver a escola com as portas abertas, recebendo pessoas, ampliando horizontes, mostrando e fazendo arte com os alunos, ofertando a eles um leque de oportunidades para que talentos sejam descobertos, sendo vista como um local que desperta sonhos, concretiza ações e constrói uma identidade nova, despindo-se dos rótulos”, conclui Renata Felício.

Vale ressaltar que a realização deste projeto, a metodologia de pesquisa e o projeto de implementação e transformação na reconstrução da Escola Municipal Professora Leopoldina Machado Barbosa de Barros foi apresentada à Secretaria de Educação do Município de Nova Iguaçu (Semed), setor de Pedagogia. Tendo como gestores: Maximiliano Marini Melo, Adriana de Oliveira; Orientadora pedagógica: Danielle Viana e Professora organizadora: Renata Felício.

■ *Por Richard Günter*
Escola Municipal Professora Leopoldina Machado Barbosa de Barros
Rua Nilton Tinoco, 355 - Jardim Nova Era – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26265-300
Tel.: (21) 3103-0747
Fotos cedidas pela escola

SAÚDE MENTAL NAS ESCOLAS



Os constantes massacres ocorridos nas escolas do Brasil e do mundo, com o uso de armas de fogo e branca, não só interromperam centenas de vidas e sonhos, como desencadearam uma alta onda de estresse entre a sociedade e a comunidade escolar. Os mais recentes acontecimentos de violência nas escolas mostram-se diretamente associados à saúde mental dos alunos. A grande preocupação é o que fazer frente à carência de cuidados, práticas e intervenções disponíveis para educadores, pais, alunos e profissionais de saúde para enfrentarem essa crise.

Precisamos falar sobre isso. Entender. Refletir, rever, para assim conseguir prevenir a saúde mental nas instituições. Para isso, a equipe da Revista Appai Educar entrevistou especialistas da área pedagógica, profissionais da saúde, secretarias de educação, alunos, pais e os demais envolvidos nesse cenário. Descubra como está sendo feito esse gerenciamento no Brasil, como o professor pode ajudar dentro e fora da sala de aula, onde a escola pode buscar orientação e ajuda, e muitas outras questões acerca da temática.

Como está sendo feito o gerenciamento da crise no Brasil

Em meio a todo esse cenário de dor, revolta e angústias, alunos e professores se veem diante de um enfrentamento, cujas ações e políticas promovidas pelo governo ainda estão longe de gerar uma conscientização coletiva no que diz respeito à prevenção da saúde mental da comunidade escolar, sobretudo dos alunos.

Para a psicopedagoga e psicanalista em saúde e sociedade Cristiane Guedes, as escolas não estão preparadas para atender a qualquer tipo de necessidade em se tratando de saúde mental. “Temos ótimas equipes pedagógicas, ótimos professores que tentam de toda maneira fazer seu trabalho a contento, mas uma máquina administrativa completamente ‘desconectada’ da realidade do funcionamento saudável de uma escola”, afirma.

As ações alinhadas entre as secretarias de Educação e a direção das escolas acerca da saúde emocional dos alunos passam à margem de intervenções de saúde comportamental positiva, pois quase sempre os casos de indisciplina ou comportamento inadequados são tratados com políticas punitivas na maior parte dos casos de nenhum ou pouco efeito para a aprendizagem social e emocional.

Essa realidade traduz a precariedade e a escassez de práticas que produzam um efeito psicológico de melhora no comportamento e aprendizagem, sobretudo no que se refere ao alto índice de evasão por parte dos adolescentes.

Apesar de todo o projeto recair sobre os estados onde estão concentradas as principais metrópoles do Brasil, ouvimos alguns estados que têm se

tornado referência no quesito prevenção à saúde mental, como a Secretaria de Estado de Educação do Amazonas (Seduc-AM), que conta com uma equipe interdisciplinar que atua na sede e nas coordenadorias, por meio da recém-criada Coordenadoria Psicossocial.

“Promover ações que garantam condições para a saúde mental dos alunos é fundamental para que o ambiente escolar seja saudável e se garanta a permanência deles”

Essa equipe é composta por psicólogos, assistentes sociais e pedagogos que atuam com o acompanhamento de programas e projetos educacionais de saúde e no combate ao abandono escolar, além de apoio e orientação aos professores. “É imprescindível que o aluno e profissionais estejam em boas condições de saúde mental. O processo de ensino-aprendizagem ocorre satisfatoriamente quando todos estão bem. Dessa forma, promover ações que garantam condições para a saúde mental dos alunos é fundamental para que o ambiente escolar seja saudável e se garanta a permanência deles, o que só será possível se houver a oferta de educação de boa qualidade”, ratifica a assessoria da Seduc-AM.

Já a Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul (Seduc-RS) realiza, por meio do programa Cipave (Comissões Internas de Prevenção a Acidentes e Violência Escolar), desde 2015, trabalho de ações preventivas em escolas da rede estadual do Estado. Para isso, conta com uma rede de apoio que desenvolve programas focados na promoção da Cultura de Paz e nos Valores. “Ao longo das dinâmicas, direcionadas tanto para alunos como para professores, são trabalhadas questões como respeito, autoestima, autocuidado, combate a atitudes destrutivas, como agressões e automutilação, além de reduzir danos emocionais e físicos de quem convive com situações desta natureza”, relata a assessoria de comunicação da Seduc do estado gaúcho.

Seguindo uma mesma linha de promoção à saúde, o Colégio Fecap (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado), de São Paulo, busca atender a demanda através do projeto *Galp* (Grupo de Apoio Linguístico Psicopedagógico), onde os alunos participam do encontro semanal. Lá, os estudantes têm espaço para falar de suas ansiedades, questões familiares, sociais, entre outras, ao mesmo tempo que são trabalhados na estimulação das Funções Executivas. Essa atividade visa à melhora da autoestima e dos resultados acadêmicos, procurando potencializar as possibilidades individuais. “Oferecemos, a todos os alunos, palestras e eventos como a Semana da Saúde Física e Mental, trazendo temas atuais como depressão, uso de drogas, suicídio e outros, para melhor informar aos jovens e dirimir possíveis dificuldades que enfrentem.

Nosso objetivo é ajudar na formação de cidadãos responsáveis, fortalecidos também nas questões emocionais”, relata a orientadora psicopedagógica do Fecap, Ana Rita Bruni. Diante dessas ações, é possível averiguar que, ao longo do trabalho, com a melhora da autoestima e sendo valorizados em suas potencialidades, os jovens tiveram diminuídos os seus conflitos internos e externos. Além disso, os professores também contam com um trabalho em grupo para discutir sobre suas questões, bem como podem marcar horários individualmente para falar, de modo mais reservado, como lidar com tais assuntos. “Estamos sempre em busca de aprimorar nosso trabalho frente a todo o corpo docente e discente para que juntos possamos minimizar as demandas socioemocionais tão frequentes na sociedade atual”, ratifica Bruni.

Nas escolas de ensino fundamental do Rio de Janeiro, a Secretaria Municipal de Educação (SME)

atua por meio do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Unidades Escolares (Niap) onde se dão as relações de ensino e aprendizagem a partir dos saberes da Psicologia, Serviço Social e da Pedagogia. Mediante análises e experiências de trabalho de questões que envolvem o universo escolar, o Niap atua em 4 eixos de atividade: Convivências e Conflitos na Escola; Juventude e Escola; Direitos Humanos e Escola; Aprendizagens, Atenção Psicossocial e Escola, que norteiam as ações junto a toda a comunidade escolar e contribuem para os cuidados necessários em saúde mental para alunos, funcionários e familiares de toda a rede de ensino. De acordo com a assessoria da SME “o trabalho é desenvolvido por equipes regionais, compostas por assistentes sociais, professores e psicólogos, com atuação em toda a cidade do Rio de Janeiro, através das onze Coordenadorias Regionais de Educação”, ressalva a assessoria.

O estigma em torno da saúde mental ainda é um obstáculo

Em pleno século XXI, diante da educação 4.0, o estigma em torno da saúde mental ainda é um obstáculo a ser superado por alunos e professores. Tal fato não ser encarado pelos alunos como algo que faz parte da sua constituição orgânica colabora para distanciá-los de procurar auxílio, pois o receio de ser visto como diferente ou como uma pessoa com problemas faz com que os estudantes levem muito tempo para procurar ajuda, como explica o médico neuropediatra Giuseppe Pastura, em uma entrevista exclusiva para essa edição da Revista Appai Educar. “É importante que os alunos sejam acolhidos e tenham confiança tanto nos serviços de orientação educacional de cada escola como pela própria família. Se o estudante não sente que terá apoio por parte da escola ou de seus pais, não conseguirá relatar seus problemas e atrasará todo o processo de diagnóstico e tratamento”, enfatiza. De acordo com um estudo de 2014 do Centro

de Saúde e Cuidados de Saúde nas Escolas, realizado nos Estados Unidos, os alunos que recebem intervenções de saúde comportamental positiva percebem melhorias em uma gama de comportamentos relacionados ao desempenho acadêmico, além de notas ou notas de teste. Aqui no Brasil, especialistas afirmam que este processo está caminhando bem. “Não é o ideal, mas tem avançado. Cada vez mais professores e familiares têm acesso a informações sobre saúde mental e investem em prevenção. Os programas de inclusão escolar são importantes para promover o acolhimento e proporcionar o desenvolvimento acadêmico das crianças com déficits de aprendizado. Além disso, é importante enfatizar o papel de medidas simples, como a prática desportiva supervisionada, que ajuda muito o aprendizado e o bem-estar geral de nossas crianças”, explica o neuropediatra.



O papel social do professor na escola e fora dela

Dentro do papel desempenhado pela educação, a escola necessita garantir ao corpo discente um apoio, que muitas vezes está aquém da gerência ou da gestão escolar, isso por vários motivos, que vão desde a falta de políticas públicas voltadas para a prevenção da saúde mental nos colégios, passando pelo despreparo do professor, bem como da família.

Ainda assim, professores mesmo sem um apoio de profissionais ligados à área da saúde mental – fonoaudiólogos, psicólogos, terapeutas, psicopedagogos – precisam dar aos alunos esse tipo de apoio. Pois quase sempre a criança ou adolescente se sente mais seguro ao conversar e ter apoio do professor, ainda que haja a orientação de um psicólogo, assistente social ou outro profissional.

Isso reforça a tese de que a escola precisa ter um corpo interdisciplinar em sua grade curricular, com profissionais que se envolvam e se relacionem uns com os outros buscando ajudar os alunos que estão vivenciando ou apresentando algum traço de ansiedade ou de distorção na sua conduta diária.

De acordo com muitos educadores, essa sintonia de confiança que existe entre o professor e o aluno, nesses casos comportamentais, torna a situação ainda mais delicada, uma vez que normalmente a atitude do estudante com o comportamento fora dos padrões é, quase sempre, entendida como opositora à orientação disciplinar da instituição. Será que o professor tem condições de avaliar, medir e perceber as razões desse comportamento? É o que explica a bióloga, neurofisiologista e psicopedagoga Marta Relvas. Para ela, o docente é quem costuma perceber os primeiros sinais, mas a responsabilidade de reconhecimento dessas mudanças não deve ser somente dele. “O professor pode avaliar as situações, mas é importante saber que não cabe apenas a ele intervir. É preciso reconhecer que muitos problemas estão além das questões da sala de aula. Então, é preciso buscar diálogos com a coordenação pedagógica para que exista conversa também com os pais, pois todos precisam estar envolvidos”.



“Quando entendemos a saúde mental na escola, devemos compreender as necessidades básicas de conforto, segurança e, antes de tudo, do sentimento de proteção e amparo”

– Cristiane Guedes, psicanalista

Marta Relvas ressalta que há uma necessidade de compreensão dos estudos da neurociência aplicada à educação escolar para que o educador consiga reconhecer esses estudantes que possam apresentar alterações comportamentais ou de neurodesenvolvimento. “O professor só irá reconhecer se conseguir exercer a observação detalhada dos comportamentos e relacionamentos entre todos”, esclarece.

A psicanalista Cristiane Guedes completa afirmando que as escolas, além da equipe pedagógica, deveriam dispor de um Serviço de Orientação Educacional, tendo como profissional especializado para o cargo um psicopedagogo. Isso tanto pelos objetivos da psicologia, quanto da pedagogia. “Seria um profissional que estaria apto a fazer a ponte entre o que se entende enquanto formação do sujeito aprendente em seu funcionamento bio, psico e social, que é a tríade do desenvolvimento humano. O amparo ao qual me refiro está nas condições de um trabalho preventivo, engajado no desenvolvimento da criança e ou adolescente. Quando entendemos a saúde mental na escola, devemos compreender as necessidades básicas de conforto, segurança e, antes de tudo, do sentimento de proteção e amparo”, garante Cristiane.

De onde vêm as muitas facetas da violência na vida do educando

É sabido que ter um professor especialista em educação mental não é uma prioridade do Ministério da Educação e Cultura, como se pode constatar ao avaliar as secretarias de Educação, até porque o foco está na saúde e não na doença. Entretanto, a inexistência de uma política na escola canalizada para a prevenção da saúde mental tem deixado rastros cada vez mais trágicos.

São casos de suicídio, evasão, exclusão, *bullying*, violências físicas até assassinatos em massa de alunos e professores. Essa situação tem estabelecido casos de agressões generalizadas cometidas por funcionários, professores contra alunos, alunos contra professores e alunos contra alunos. Isso sem falar na violência entre pais e filhos e na comunitária, ocorrida nos bairros das cidades.

Toda essa correlação de agressividade tem tido as escolas como palcos desse reflexo orquestrado pelos distúrbios mental e social. A gestão desse tipo de crise, quase sempre mal resolvida, não por falta de empenho por parte dos professores e diretores, mas, sobretudo, por falta de um trabalho

de esclarecimento e aperfeiçoamento acerca da prevenção precoce e cuidados rotineiros que o tema necessita, tem sido uma porta aberta para o número crescente de ações cada vez mais violentas e repetitivas.

Cristiane Guedes destaca que a prevenção em saúde mental na escola deve ter como foco a não exclusão. Para tanto, é necessário que se estabeleçam critérios para quem ocupa determinadas funções de orientação. “Sem dúvida, não é tão somente esse investimento em profissionais que irá livrar a sociedade de determinadas notícias sobre tragédias. Mas, sem dúvida também, acolheriam e minimizariam as dores de um silêncio, que é significativo e solitário no desenvolvimento de nossas crianças. O que torna fundamental o trabalho especializado em saúde mental na escola. Porque permitiria que os profissionais pudessem dar o suporte não só aos alunos, mas também à comunidade educativa”, garante a psicanalista em Saúde e Sociedade.



Muro da fachada da Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, antes e depois das artes de grafite feitas pelos alunos



A reforma da quadra foi o pontapé inicial do mutirão de transformação da Escola Bernardo de Vasconcelos



Já o especialista em educação Waldir Romero ressalta que as escolas não são bolhas, por isso não estão isoladas da sociedade e, infelizmente, a violência está por toda parte. “A dialogicidade é uma ferramenta fundamental para enfrentar esse quadro. É imprescindível ter um projeto de estado, para além de partidos e governos, de 20 anos. As famílias e a comunidade estão à mercê de um conjunto imenso de violências. Os alunos chegam à escola estimulados pela mídia. Os professores, em geral, não sabem lidar com essa situação. A escola tem uma estrutura fabril o que tenciona muito as relações”, afirma.

Para o especialista, o projeto proposto para a escola precisa estar inserido na realidade da comunidade, incluindo os saberes e as lideranças locais. “É necessária também uma proposta de formação para os responsáveis dos alunos e uma qualificação de lideranças para influenciar os jovens. Incluir as múltiplas linguagens e educar para a diversidade e o respeito é algo indispensável. Esse processo é demorado, mas possível”, garante.

Foi com esse objetivo que a Escola Municipal Bernardo de Vasconcelos, na Penha, Zona Norte do Rio de Janeiro, desenvolveu o projeto pedagógico *Ser e Pertencer*. Em 2017, os professores Daniela

Azini e Marcelo Martins resolveram montar uma chapa e assumir a escola com uma proposta de gestão mais democrática, aberta à comunidade escolar e ao protagonismo dos alunos. A ideia era valorizar o espaço da escola e fazer nascer um sentimento de pertencimento a ela por parte dos estudantes.

Para isso, uma parceria entre alunos, pais, professores e funcionários possibilitou diversas melhorias dentro do espaço de estudo, desde o ambiente físico até as práticas metodológicas nas salas de aula. As ações de transformação contaram com o trabalho conjunto de toda a comunidade escolar. A reforma da quadra, por exemplo, foi realizada por alunos e professores, desde a arrecadação do dinheiro para o material até a conclusão das obras.

A mudança na cor da escola também contou com esse apoio. Junto com um artista local, ex-aluno da instituição, os estudantes realizaram artes de grafite nas paredes e muros, com histórias africanas, do mundo, do colégio e deles próprios. “Todas essas mudanças tornaram os jovens muito mais felizes. Hoje eles constroem uma outra relação com esse espaço, o de cuidado também, o que se transfere para a relação deles com os professores, direção, funcionários. Aquele ambiente escuro, cinza, triste, despertava uma agressividade”, ressaltou Daniela.

E as mudanças não ficaram apenas no espaço físico. Diversas rodas de conversas sobre temas como *bullying* e depressão entraram em pauta dentro da escola. Além disso, outra prática adquirida foi uma nova abordagem pedagógica em que a história do bairro da Penha e dos moradores entrassem nos ensinamentos. Para a diretora, a relação com a realidade deles é essencial. “A gente está falando de uma escola inserida numa localidade que sempre aparece na mídia de forma negativa, associada à violência. A comunidade é sempre colocada nesse lugar da marginalização, da criminalização e isso afeta diretamente os adolescentes. O aluno não entra na escola e deixa as emoções do lado de fora, então a instituição precisa criar estratégias e projetos pedagógicos que se aproximem e dialoguem com essas questões, de modo que torne significativa a presença e o aprendizado desse aluno”, concluiu.

Para Fernanda Lucas, docente do Instituto de Educação General Flores da Cunha, é preciso qualificar constantemente a assistência ao alunado e professorado. “Para prevenir a saúde mental temos que qualificar para as necessidades diárias. Cada caso é um caso e deve ser visto de forma íntima. Quando a escola promove conversa reflexiva sobre um problema, ela gera ótimos resultados. Em meus quase 20 anos de atuação, vi muitas ins-

tituições diminuir casos de violência, de alunos indisciplinados e a quantidade de professores insatisfeitos. Mas afirmo que, para se alcançar bons resultados, não pode ser algo planejado eventualmente, tem que ser enraizado na essência escolar”, enfatiza Fernanda.

De acordo com Camila Borges, aluna do Ensino Médio, os projetos voltados para a saúde mental na escola mudaram radicalmente a forma de ver o próximo. “Todo mundo tem um problema, mas quando se discute e reflete sobre o assunto a gente consegue se colocar na posição do outro. E com isso percebi que a prática do *bullying* tem diminuído aqui na escola. Agora a gente tenta criar até grupos no Facebook para evitar *ciberbullying*. E também percebo que isso tem mudado a postura dos professores, tenho a sensação de que eles estão mais próximos da gente”, reflete a jovem.

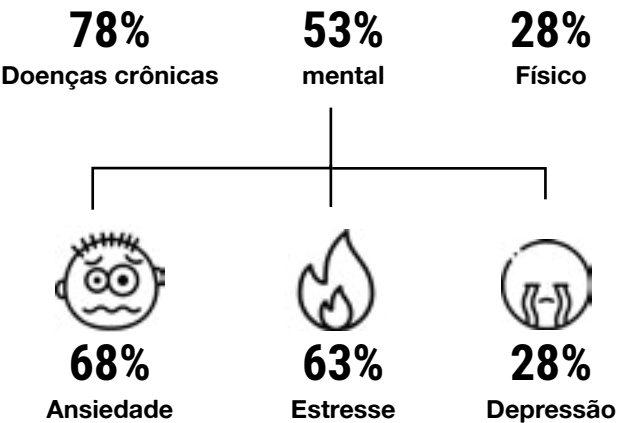
Já dona Alcida Borges, mãe de Camila, relata que a filha ficou engajada nos projetos e já até levou as discussões adaptando para as reuniões da associação do bairro onde mora, Rubem Berta Cohab. “O Diretor da Associação gostou da ideia, e minha filha adaptou para os problemas do conjunto residencial. E o primeiro resultado que eu vi foi um consenso na escolha da pintura do prédio. Foi muito democrático. Não tivemos estresse”, comenta Alcida.

Diante dessa discussão: como andam as pesquisas sobre a saúde mental do profissional docente?

Mais de 60% dos professores já precisaram se afastar por problemas de saúde, como ansiedade, estresse e insônia, segundo um estudo realizado pela Nova Escola. Já a desvalorização da carreira e o acúmulo de problemas de saúde também trazem efeitos de longo prazo e prejudicam o processo de ensino e aprendizagem. De acordo com o relatório “Políticas Eficientes para Professores”, divulgado em 2018 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), apenas 2,4% dos jovens brasileiros de 15 anos querem ser professores. E somente 23% dos professores recomendariam a profissão aos jovens.

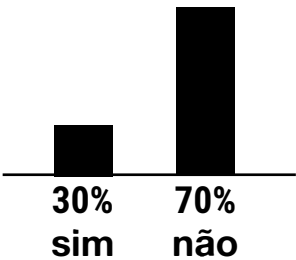
Se a satisfação com a carreira pudesse ter uma nota de 0 a 10, os professores dariam nota 7, com pequenas variações de acordo com a rede, a etapa de ensino e o tempo de carreira. Professores da rede particular, do Ensino Fundamental I e com até 10 anos de carreira estão mais satisfeitos, enquanto docentes das redes estaduais e do Ensino Médio deram nota de aproximadamente 6,5. Os dados são da pesquisa “Profissão Docente”, feita em parceria entre o Todos pela Educação e o Itaú Social, realizada pelo Ibope Inteligência em cooperação com a Conhecimento Social.

Dos quase 6 mil entrevistados, 53% dos professores relatam que os casos de afastamento no trabalho por motivos de saúde eram relacionados à saúde mental:



*Pesquisa realizada em 2018 com 5.800 professores

Recomendam a docência como profissão:



Manual de orientação para o professor

A Organização Mundial de Saúde (OMS) desenvolveu o documento de “Prevenção ao Suicídio: Manual para Professores e Educadores”. O intuito é orientar o educador para o enfrentamento de situações que envolvem o risco de suicídio.

O documento reforça que “qualquer mudança súbita ou dramática que afete o desempenho, a capacidade de prestar

atenção ou o comportamento de crianças ou adolescentes deve ser levado seriamente”, e também lista alguns sinais que podem ser identificados por um professor ou funcionário da escola, como: falta de interesse nas atividades habituais, declínio geral das notas, diminuição no esforço/interesse, má conduta em sala de aula, faltas não explicadas e/ou repetidas, consumo

excessivo de drogas (incluindo cigarro e bebida alcoólica) e incidentes envolvendo a polícia.

Para ter acesso, basta inserir no campo de busca do Google: “Prevenção ao Suicídio: Manual para Professores e Educadores”. O documento está disponível em PDF, que pode ser utilizado *on-line*, ou, se preferir, é só baixar.

Onde a escola pode buscar orientação e ajuda?

Identificando alguma mudança de comportamento, situação de conflito ou vulnerabilidade no aluno, o professor ou outro funcionário deve buscar ajuda na unidade de saúde mais próxima. “O contato tem que ser direto. Algumas escolas ainda não exploram isso, mas estamos tentando fortalecer essa relação”, afirma Elisabete Alves, coordenadora do Programa Saúde nas Escolas (PSE) Carioca.

O trabalho do PSE, por meio de parcerias entre a SMS, a Smeel e a Secretaria Municipal de Assistência Social e Direitos Humanos (SMASDH), possibilita a promoção de ações (capacitações, rodas de conversa etc.) nas unidades educacionais, com a presença de profissionais de saúde para discutir determinados assuntos com a comunidade escolar, de acordo com o interesse ou demanda específica de cada local.



O programa é voltado para os estudantes da Educação Básica, gestores e profissionais de educação e saúde, comunidade escolar e, de forma mais ampliada, estudantes da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Para mais informações, acesse o [site](#) do Ministério da Educação (MEC) e procure por “Programa Saúde na Escola”.



Atendimento gratuito

A Prefeitura do Rio também oferece um serviço gratuito para acolhimento às crises em saúde mental, atendimento e reinserção social de pessoas com transtornos mentais e/ou decorrentes do uso prejudicial de álcool e/ou outras drogas. Os CAPs (Centros de Atenção Psicossocial) oferecem atendimento interdisciplinar, compostos por uma equipe que reúne médicos, assistentes sociais, psicólogos, psiquiatras, entre outros, em articulação com as demais unidades de saúde e com unidades de outros setores (educação, assistência social etc.) quando necessário, sempre incluindo a família e a comunidade nas estratégias de cuidado.

São 34 CAPs dentro do município do Rio de Janeiro, que funcionam de segunda a sexta, com atendimento das 8 às 17 horas. Os CAPs III têm funcionamento 24 horas, durante os sete dias da semana, oferecendo a possibilidade de acolhimento noturno para a clientela já atendida, conforme avaliação da equipe. O acesso aos centros pode ser feito por demanda espontânea, por intermédio de uma unidade de atenção primária ou especializada, por encaminhamento de uma emergência ou após uma internação clínica/psiquiátrica.

Para mais informações, endereços e telefones, acesse: www.rio.rj.gov.br/web/sms/caps.

Que tal utilizar nossa matéria de capa como fonte de conteúdo?

Por isso, professor, aproveite a data para planejar uma aula sobre a temática em sua instituição de ensino, bem como propor atividade extracurricular. Depois de realizado, mande-nos um *e-mail* relatando seu projeto pedagógico. Até logo!

E-mail: redacao@appai.org.br

A saúde do adulto se planta na infância

Vale ressaltar que todo mês de janeiro, iniciativas que envolvem a promoção de saúde mental são enaltecidas em diversas instituições, para combater esse mal. Assim como o Outubro Rosa, o Janeiro Branco também ganha destaque para abordar a temática, proporcionando reflexão para se esclarecer e agir diante das circunstâncias. Apesar do dia Mundial da Saúde Mental ser comemorado em outubro, o primeiro mês do ano foi escolhido por ser um período terapêutico e por se tratar de um começo, quando as pessoas estão esperançosas e focadas em mudanças.

■ Por *Antônia Lúcia, Jéssica Almeida, Luiza Morato e Richard Günter*

Fontes: MultiRio, Prefeitura do Rio, Organização Mundial de Saúde.



Saúde

RIR É O MELHOR REMÉDIO...

e faz bem à saúde

Antes de iniciar a leitura desta matéria, que tal sorrir? Nos anos 90 já dizia uma famosa canção da rainha dos baixinhos Xuxa Meneghel: Rir é o melhor remédio. E é justamente nesse clima que os alunos do Curso Técnico em Enfermagem do Colégio Realengo promovem saúde através do riso.

O projeto *Rir é o Melhor Remédio* surgiu há mais de uma década, após um bate-papo informal entre a professora e coordenadora Luciane Lelis e os alunos do curso, onde aprofundaram a ideia e ratificaram a vontade de realizar uma atividade que trabalhasse a ludicidade e a inclusão de pessoas portadoras de deficiência. Assim, de forma colaborativa e educacional, os estudantes passaram a promover saúde a quem precisa, colocando em prática todos os ensinamentos do curso.

Como sempre tiveram um forte trabalho de voluntariado, humanização e inclusão no curso técnico, o desenvolver do projeto foi apenas uma consequência. De acordo com Luciane, “O apoio do Colégio Realengo, do Diretor José Antônio Zaib e dos professores Kátia Gonzaga, Fátima Peres e Robson Valente foram fundamentais para o desenvolvimento de mais de 10 anos de sucesso do projeto”.

O público alvo do trabalho são os alunos do Ensino Médio, além de convidados e a comunidade em torno da unidade educacional. Os conteúdos desenvolvidos nas disciplinas integradas são voltados para saúde mental, ética, inclusão, terapias integrativas (alternativas), voluntariado, ludoterapia, respeito a diversidade funcional, empoderamento e sustentabilidade.

De forma interdisciplinar, os estudantes executam a metodologia sob a supervisão das professoras enfermeiras, de forma que se torna possível trabalhar a construção, planejamento, confecção e culminância de diversas oficinas. “Podemos citar aquelas que envolvem brincadeiras antigas, de dança, origami, artesanato, literatura, pintura, folclore, hortas escolares e comunitárias, além de contação de histórias e cantina feliz”, pontua Luciane. Além disso, durante todo o ano há uma campanha permanente de arrecadação de doativos, como agasalhos, sapatos, roupas usadas, alimentos não perecíveis e materiais de higiene. “Tivemos parcerias com lares de crianças, idosos, associações de deficientes e usuários do SUS de Saúde Mental”, conta a coordenadora.

Uma das táticas que promoveu ainda mais participação da comunidade foi a opção de convidados. As instituições beneficentes chamadas a participar do projeto que levassem por sua própria conta um mínimo de 10 visitantes, entre cuidadores e/ou educadores, puderam levar parte das doações da campanha de arrecadação de donativos, realizada pelos alunos.

De acordo com a coordenadora, o projeto, bem-sucedido, sempre lhe deixou com um gostinho de quero mais, além da sensação de dever cumprido. “Tudo que foi trabalhado estimulou nossos futuros profissionais a disseminarem a semente do pilar principal da enfermagem: a humanização. Eu, Luciane Lelis, não tenho como agradecer a todos os envolvidos desde o primeiro ano de projeto e a todos os convidados que compareceram ao evento ao longo desses anos”, conta emocionada.

De um lado, a equipe docente se orgulha da atividade, de outro, a discente agradece a oportunidade de fazer parte da equipe multidisciplinar de sucesso, que conta com casos como o da aluna Maiara Lopes, que ao começar a fazer enfermagem não imaginou que além de profissão ganharia um misto de emoções como bônus. “Tive a oportunidade de participar do meu primeiro projeto de en-

fermagem, pude conhecer de perto as crianças do orfanato e os pacientes psiquiátricos, fui capaz de entrar em contato com meu lado mais humano”, ratifica a estudante.

Em um relato exclusivo à Revista Appai Educar, a estudante revela que é maravilhoso ver os pacientes, ouvi-los falar e até cantar. “Todos com suas personalidades distintas, seus jeitinhos e manias. Estar com eles e as crianças me fez estar bem com tudo, já que trazem humanidade, nos mostram que há como ser feliz com coisas mínimas”, explica.

Foi nesse projeto que Maiara teve seu primeiro contato direto com essa realidade, de ter o outro como prioridade, de percebê-lo e compreendê-lo, se colocando no lugar de quem está sendo visado. De acordo com a estudante, a participação nesta atividade foi uma ótima experiência e aprendizado de vida. “É o que vou levar daqui pra frente



Na oficina de pintura, os visitantes puderam viajar na criatividade de forma a expressar os sentimentos



De acordo com os alunos, futuros prestadores de serviço na área da saúde, o contato com os visitantes foi um divisor de águas, pois puderam colocar em prática as metodologias de ensino

tanto em minha vida pessoal como na minha área de trabalho, pra que eu me torne cada vez melhor profissional, sempre em prol do outro”, enaltece a aluna.

O lema do projeto também fica alinhado ao pensamento da “Dama da Lâmpada”, uma enfermeira que ficou conhecida por tratar os feridos da Guerra da Crimeia em 1853. Trata-se de Florence Nightingale, que em seu legado nos deixou a mensagem: “A Enfermagem é uma arte; e para realizá-la como arte, se requer uma devoção tão exclusiva, um preparo tão rigoroso, quanto a obra de qualquer pintor ou escultor; pois o que é tratar da tela morta ou do frio mármore comparado ao tratar do corpo vivo, o templo do espírito de Deus? É uma das artes, poder-se-ia dizer, a mais bela das artes!”.

Por isso, a aluna Maiara é convicta e traz consigo a importância da sua profissão. “Enfermagem por amor, pela dor, é o ato de cuidar, de sempre pensar no outro visando o melhor, querendo sempre ver o alívio e um sorriso”, finaliza a estudante do Colégio Realengo.

De acordo com a idealizadora e organizadora ativa do *Rir é Melhor Remédio*, Luciane Lelis, o projeto contou ao longo dos

anos com a colaboração das professoras e enfermeiras Leila Ávila, Érica Muniz, Kátia Sereño, Maria Tereza Natal, Cenira Maesse, Vanessa Germano, Fernanda Souza, Lucilene Assis, Andreza Souza, Cíntia Oliveira, Fernanda Alcantara, Andre Caribdis, Alessandra Moreira, Kátia Tavares, Paula Brenandi e mais de 5.000 alunos dos ensinos Fundamental e Médio.

■ Por Richard Günter

Colégio Realengo

Rua Marechal Soares de Andrea, 90 – Realengo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21710-180

Tel.: (21) 3338-7030

E-mail: diretoradeunidade@colegiorealengo.br

Coordenadora: Luciane Lelis

Fotos cedidas pela escola



Música

A ESCOLA CANTA BELCHIOR

Projeto musical desperta criatividade e senso crítico dos alunos

Um dos primeiros cantores de MPB do Nordeste brasileiro a fazer sucesso internacional, Belchior foi tema do projeto interdisciplinar desenvolvido no Colégio Estadual Padre Anchieta, localizado em Duque de Caxias. O intuito da ação foi despertar a criatividade e o senso crítico por meio da análise das canções do artista. Além disso, promover a integração entre os diferentes saberes, desenvolver o trabalho em equipe e estreitar a relação entre escola e comunidade.

O diretor Renan de Oliveira conta que desde que assumiu a escola, em 2014, entendeu que a estratégia didática que mais atrai os jovens é a metodologia de projetos de pesquisa, por isso resolveu investir nesse tipo de iniciativa. "A vida e obra dos artistas, especialmente da música, mostrou-se um dos mais empolgantes entre os professores e discentes. A partir daí, o colégio lançou-se ao propósito de realizar pesquisas sobre compositores consagrados da música popular brasileira, que culminou em uma apresentação aberta a todos os alunos e convidados da comunidade", explica o diretor, que também é idealizador do projeto.

As canções ganharam *status* de registro histórico e de valoração documental, privilegiando informações acerca do compositor e intérprete das canções, bem como a explicação das possíveis figuras de linguagem utilizadas na composição – metáfora, hipérbole, catacrese – além de oferecer a letra impressa e proporcionar a audição musical, no seu formato original, evitando, assim, as novas versões. Depois disso, as turmas 601, 602, 801, 901, 1.004 e alguns alunos do 2º ano do Ensino Médio focaram na apresentação de diversas letras de Belchior, visando à leitura, interpretação e ampliação de áreas de conhecimento como Arte, Filosofia e Literatura.

De acordo com o diretor, a escolha do tema se deu pelo fato da importância de Antônio Carlos Belchior, um cearense que cantou o amor, a vida, as inquietações da alma, a política, os sofrimentos, medos e angústias. "Sua obra permanece viva e tão atual que mesmo após sua morte continua sendo lembrada e cantada por artistas consagrados, como Elba Ramalho, e outros atuais, como Daíra Saboia, que esteve presente na culminância do projeto", que contou com a *performance* dos alunos, com as suas professoras orientadoras, sobre a pesquisa da vida de Belchior, relata Renan.

Foram utilizados vídeos, músicas com foco na interpretação das letras e exposição de quadros a óleo que tinham como tema a tradução visual da poesia de Belchior. A diretora-adjunta, Heloísa Ponce, também fez a leitura de uma carta escrita pelos filhos do artista, contando sobre a convivência com o pai, em uma vida cercada pela arte da música e da poesia.



Os estudantes soltaram a voz em uma apresentação aberta a todos da escola e convidados da comunidade



A cantora Daíra Saboia esteve presente na culminância do projeto e cantou algumas músicas de Belchior

Além disso, os alunos realizaram uma apresentação da pesquisa para a cantora Daíra Saboia. "Ela ficou emocionada, tanto pelas atuações dos alunos quanto pela pesquisa que eles fizeram também sobre sua vida, mostrando um vídeo em que ela, ainda criança, cantava em um programa de TV. Esta sequência de surpresas levou a artista às lágrimas, o que não impediu que ela se apresentasse magnificamente, cantando suas músicas", conta Renan.

Daíra ressaltou que ficou extremamente emocionada com a homenagem e o carinho da escola. "Amei as apresentações de cada turma e fiquei comovida em ver que a minha voz fez com que o trabalho do Belchior atravessasse gerações, e essas crianças e adolescentes pudessem se identificar através do meu trabalho com essas poesias ressignificando para os dias de hoje a sua linguagem. Gratidão pelo momento de troca profunda com esses futuros cidadãos adultos, amantes e modificadores da sua condição. São eles que vão realmente daqui pra frente 'amar e mudar as coisas'", finaliza.

■ Por Jéssica Almeida

Colégio Estadual Padre Anchieta

Av. Trinta e Um de Março, s/nº – Parque Paulista
Duque de Caxias/RJ

CEP: 25261-000

Tel.: (21) 3666-1278

E-mail: cepadreamchieta@hotmail.com

Fotos: Marcelo Ávila



A culminância contou também com uma exposição de quadros a óleo que tinham como tema a tradução visual da poesia do artista

ALUNO MOTIVADO LÊ MAIS!

Projeto estimula leitura, e número de livros emprestados duplica na Sala de Leitura

Quantos livros você lê por mês? Qual foi o último? Nem sempre é fácil manter o hábito da leitura, não é mesmo? Pensando nisso, a Escola Municipal José de Alencar, localizada em Laranjeiras, desenvolveu um projeto de conscientização da importância desse costume e a facilidade de acesso dos alunos aos títulos pertencentes ao acervo da escola.

A iniciativa surgiu a partir de uma preocupação com a mudança nas provas de produção de texto da Prefeitura do Rio de Janeiro, uma vez que a realização das avaliações não está mais atrelada à leitura de livros emprestados pela sala de leitura. Temendo a redução do número de empréstimos aos alunos, e consequentemente a diminuição de leitoras na escola, os professores desenvolveram o projeto.



A idealizadora da atividade, Patricia Zuqui, conta que se trata de uma parceria entre a sala de leitura e educadores de diversas disciplinas, que acreditam e estimulam a leitura como responsabilidade de todas as áreas do conhecimento. "Cada turma tem um professor-parceiro que cede, bimestralmente, um tempo de sua aula para a visita à sala de leitura e, conjuntamente com o professor regente, auxilia os educandos com sugestões de obras e experiências literárias", explica a responsável pelas atividades. O projeto foi direcionado para o atendimento de turmas do 6º ao 9º anos do Ensino Fundamental e teve resultados satisfatórios:

De acordo com a docente, além do aumento de livros emprestados, também houve uma maior procura dos alunos pela sala de leitura, independente dos dias de realização do projeto, inclusive no horário do intervalo. O aluno Paulo Gabriel Souza, da turma 1.601, conta que a professora indica os livros e fala sobre as histórias de cada um. "Isso faz com que eu fique com mais vontade de ler outros títulos", finaliza.



Sem o projeto:
178 livros emprestados

>>



Com o projeto:
401 livros emprestados

■ Por Jéssica Almeida

Escola Municipal José de Alencar

Rua das Laranjeiras, 397 – Laranjeiras – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22240-005

Tel.: (21) 2225-6362

E-mail: emalencar@rioeduca.net

Fotos cedidas pela escola

MUSEU DE ARQUEOLOGIA DE ITAIPU

Entre as ruínas, uma explosão de história dos sambaquis



O antigo Recolhimento de Santa Teresa, fundado em 1764, é uma construção em alvenaria de pedra, com conchas de sambaquis, molduras de cantaria, unidas por óleo de baleia. Só essas características já são um prato cheio pra quem ama história. Extremamente preservado, o corpo principal do prédio ainda permanece com todas as suas características. E é nesse clima que habita o Museu de Arqueologia de Itaipu (MAI).

Criado em 1977 a partir dos sítios arqueológicos de Duna Grande e Duna Pequena, encontrados na região, o local tem peças de até 6 mil anos a.C. No século XVIII, o local abrigava senhoras que não podiam ir aos conventos porque, na época, o casamento era incentivado como forma de povoar o país.

Ali ficavam mulheres que pretendiam seguir a vida religiosa, órfãs, prostitutas, as que haviam engravidado antes do casamento, viúvas e aquelas que eram instaladas quando seus pais ou maridos saíam em viagem. As ruínas do recolhimento foram tombadas em 1955 pelo Iphan, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



Além da canoa centenária, há diversos artefatos expostos, como pontas de ossos que eram utilizados para caça e pesca

O acervo do MAI reúne objetos dos povos que viveram no litoral fluminense antes do descobrimento do Brasil e tem como destaques seis blocos dos sambaquis de Camboinhas, datados de 6.000 a.C. Trata-se de depósitos de conchas, objetos, pedras, esqueletos humanos e outros materiais acumulados ao longo dos anos, que ajudam a contar como esses homens ancestrais viviam da caça, pesca e coleta na Região Oceânica de Niterói.

A base do museu é a coleção Hildo de Mello Ribeiro, composta de doações feitas pelo agente federal de fiscalização de pesca e arqueólogo amador que viveu em Itaipu por cerca de 20 anos, com quase mil objetos, como machados, peças de cerâmica, pontas de ossos, polidores e ossadas.

O museu exhibe também a canoa centenária de Jequitibá, doada pela Colônia de Pescadores do local. Na instituição ainda se desenvolve um programa educativo-cultural chamado Caniço & Samburgá, voltado para as escolas e a comunidade local, que consiste em um acervo itinerante emprestado às escolas de Niterói e região.

Que tal promover um aulão nesse espaço rico de ancestralidade? Essa é a sugestão da Revista Appai Educar. Saiba abaixo como agendar a visita com seus alunos*.

■ Por Richard Günter

Praça do Canhão, s/nº – Itaipu – Niterói/RJ

CEP: 24340-005

Tels: (21) 3701-2994 / 3701-2966

Site: www.museudeitaipu.museus.gov.br

E-mail: mai@museus.gov.br

Horário de Funcionamento:

De terça a sexta, das 10 às 17h | Sábados, domingos e feriados, das 13 às 17h

*Visitas orientadas de segunda a sexta-feira, das 9 às 17h, com agendamento prévio.

É POSSÍVEL REDUZIR A DESIGUALDADE COM CIÊNCIA ELETRÔNICA?

Descubra como as escolas envolvidas equacionaram essa questão

A pesar de ser um espaço de coletividade, a escola por muitas vezes se torna um ambiente bastante íntimo e conservador. Não à toa, os estudantes acabam formando pequenos grupos que vão se desfazendo somente com o término do ciclo escolar. Mas no Colégio Flama, na Baixada Fluminense, a situação é bem diferente quando o assunto é trabalho em grupo, onde o lema é integração e igualdade.

Para promover o ensino do curso técnico de eletrônica, foi realizada uma feira tecnológica integrando três unidades educacionais do Flama, localizadas em Nova Iguaçu, São João de Meriti e Duque de Caxias, em que se precisou responder a questão: “De que forma é possível reduzir a desigualdade com a ciência eletrônica?”. Com uma parceria satisfatória entre alunos e mestres das unidades educacionais, através de vários bate-papos técnicos, foi possível encontrar o caminho para trabalhar essa temática. E a resposta logo surgiu cheia de criatividade.

Assim, os alunos passaram a criar ferramentas que auxiliassem pessoas com algum tipo de deficiência, bem como dinâmicas que promovessem o entretenimento do público. Dessa forma, o pontapé inicial para se cumprir a metodologia do projeto se deu com o 6º período (3º ano do Ensino Médio) que trabalhou com o tema “Lúdico com a Luz”, e o 4º (2º ano do Ensino Médio), que desenvolveu o assunto “Entretenimento Eletrônico”.



O projeto reuniu alunos das unidades de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São João de Meriti

CRIATIVIDADE INTEGRADA

A turma responsável por este desenvolvimento arregaçou as mangas e mergulhou na criatividade. Os alunos da unidade de Duque de Caxias trabalharam projetos específicos, como Placar eletrônico, Sensor de luminosidade, Bengala Eletrônica para deficiente visual, acionamento de bomba de água automático para caixa de água, alarme residencial a laser, de temperatura e de vazamento de gás residencial, projetos esses que atendem pessoas com alguma deficiência. Já os estudantes de São João desenvolveram a temática através da criação de holograma, cubo mágico, girassol controlado, capacete luminoso, entre outros.

Os alunos ainda projetaram suas ideias alinhadas à luminosidade e apresentaram inovações sob a inspiração de grandes heróis do mundo dos quadrinhos. O escudo do Capitão América teve vida própria, assim como o Ciclop do X-man lançando seu laser vermelho e a garra do Cyborg da Liga da Justiça foram a sensação do evento. Dentre outras criações, foi possível ver de perto a prancha do Super-Choque, o laço da verdade da Mulher Maravilha e o sinalizador de chamada do Batman.

Por sua vez, os alunos do 4º período criaram jogo da velha com joystick, jogo dos genios para deficiente auditivo, piano para deficiente visual, jogo dos nervos, passa ou repassa, jogo de memória, lançador de teia do Homem-Aranha, gol eletrônico para deficiente visual, entre outros.

Através dessas criações, o público presente desde crianças, jovens e adultos, com deficiência ou não, puderam perceber que a ciência eletrônica alcança a todos, pois os que participaram e desfrutaram dessas criações se divertiram muito, relatando até saudade do seu tempo de criança. A professora responsável pelo projeto, Alessandra Macedo, conta que de forma colaborativa foi possível criar ludicidade alinhada à união social. “Pessoas com alguma deficiência ou não puderam brincar e não houve divisão de possibilidades na hora de se divertir. Assim, provamos que é possível usar a ciência eletrônica para quebrar barreiras e tabus”, enaltece a coordenadora.

■ Por Richard Günter

Colégio Flama

Rua Tenente José Dias, 533 – Centro – Duque de Caxias/RJ

CEP: 25010-305

Tel.: (21) 2671-1844

E-mail: diretoraalinerangel@gmail.com

Diretora: Aline Rangel

Fotos cedidas pela escola

Web

ROLOU NA WEB



Você conhece todas as vantagens do nosso *site*? Lá você tem acesso ao Portal do Associado, informações e regulamentos dos benefícios, programas, projetos e parcerias, vídeos, notícias, Rádio Appai, Revista Appai Educator *on-line*, calendários dos próximos eventos e muito mais. Acesse www.appai.org.br e aproveite!

Voz do professor

“Gostaria muito de elogiar pela oportunidade que a Revista Appai Educator nos dá para divulgarmos nossas ações, além de contribuir com ideias de outros colegas e mais informações. Na verdade foi um ano de muito aprendizado com a revista. Não fazia ideia do quanto as divulgações da mesma tomam proporções “gigantes” no meio do educador. Claro, esse contato real com a revista não seria possível se não houvesse profissionais tão generosos. Muito obrigada!” - Professora Neia Albino, do Colégio Estadual Padre Anchieta, via *e-mail*.

Os comentários mais legais das redes sociais você vê por aqui!



Conceição Menali

Via Facebook

“A Revista Appai Educator é uma fonte de conhecimentos para todos se aperfeiçoarem em temas essenciais à educação. Quer se reciclar em assuntos educacionais, saúde, cultura e lazer, leia a revista.” ❤️



Rita Oliveira da Silva

Via Instagram

“Só tenho a agradecer a *mamy's* Appai. Através dos benefícios, observei que tive uma fantástica melhora em minha vida. Pertencço com muito orgulho a essa família desde de 2008.” ❤️

AS REDES SOCIAIS + CONECTADAS NA EDUCAÇÃO



facebook.com/appairj



Instagram - @appairj



Twitter - @appairj



Youtube - youtube.com/appairj

SUMÁRIO

02 OPINIÃO

A leitura fora da caixa

Tragédias e ataques nas escolas: deixamos de ser espectadores

04 CIÊNCIA

Ciência na minha vida?

08 INTERDISCIPLINARIDADE

A evolução do lápis

12 HISTÓRIA

Na manchete: os 130 anos da abolição

28 EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

Pintando o sete

56 LITERATURA

Aluno motivado lê mais!

58 GUIA HISTÓRICO

Museu de Arqueologia de Itaipu

63 WEB

Rolou na Web

CAPA

Os massacres ocorridos nas escolas dão sinais claros de que a saúde mental precisa ter mais atenção, frente à carência de práticas e intervenções disponíveis para a comunidade escolar – Pág. 32



ÍCONE DAS CAUSAS HUMANITÁRIAS

Homenagem a Nelson Mandela estimula o respeito às diferenças e o diálogo intercultural entre os alunos



RIR É O MELHOR REMÉDIO...

E faz bem à saúde



A ESCOLA CANTA BELCHIOR

Projeto musical desperta criatividade e senso crítico dos alunos



 mais
appai
Nº 22

RECONHECIMENTO FACIAL:

Mais segurança
e agilidade no
atendimento dos
Benefícios Appai



A close-up of a man's face, looking slightly to the side. Overlaid on his face is a white, wireframe-like geometric pattern representing facial recognition technology, with points at the corners of the eyes, nose, and mouth.

Agilize seu atendimento mostrando apenas o seu rosto.

Mais de **17 mil** associados já
cadastraram o **Reconhecimento
Facial***. Agora só falta você!

 Saiba como em: appai.org.br

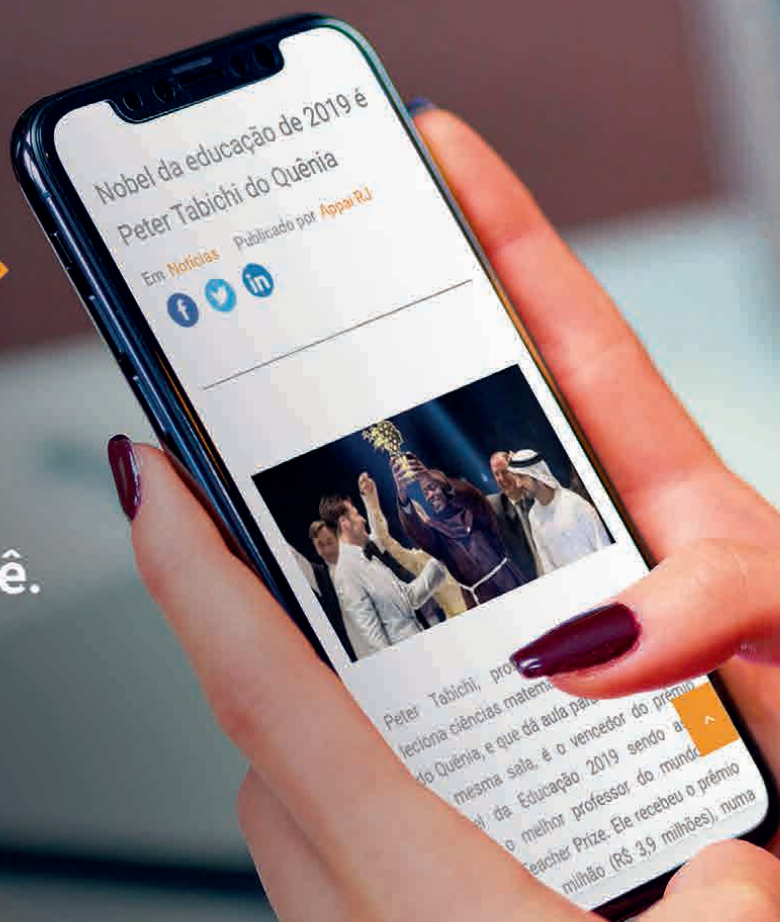
* Válido para os Benefícios: Médico, Odontológico,
Caminhadas e Corridas e outros eventos.

Se ler é
bom, ouvir
pode ser
ainda
melhor.

PODCAST
APP AI

Inove sua
busca por
conteúdo.

Está nascendo
uma **nova**
revista pra você.
Aguarde!

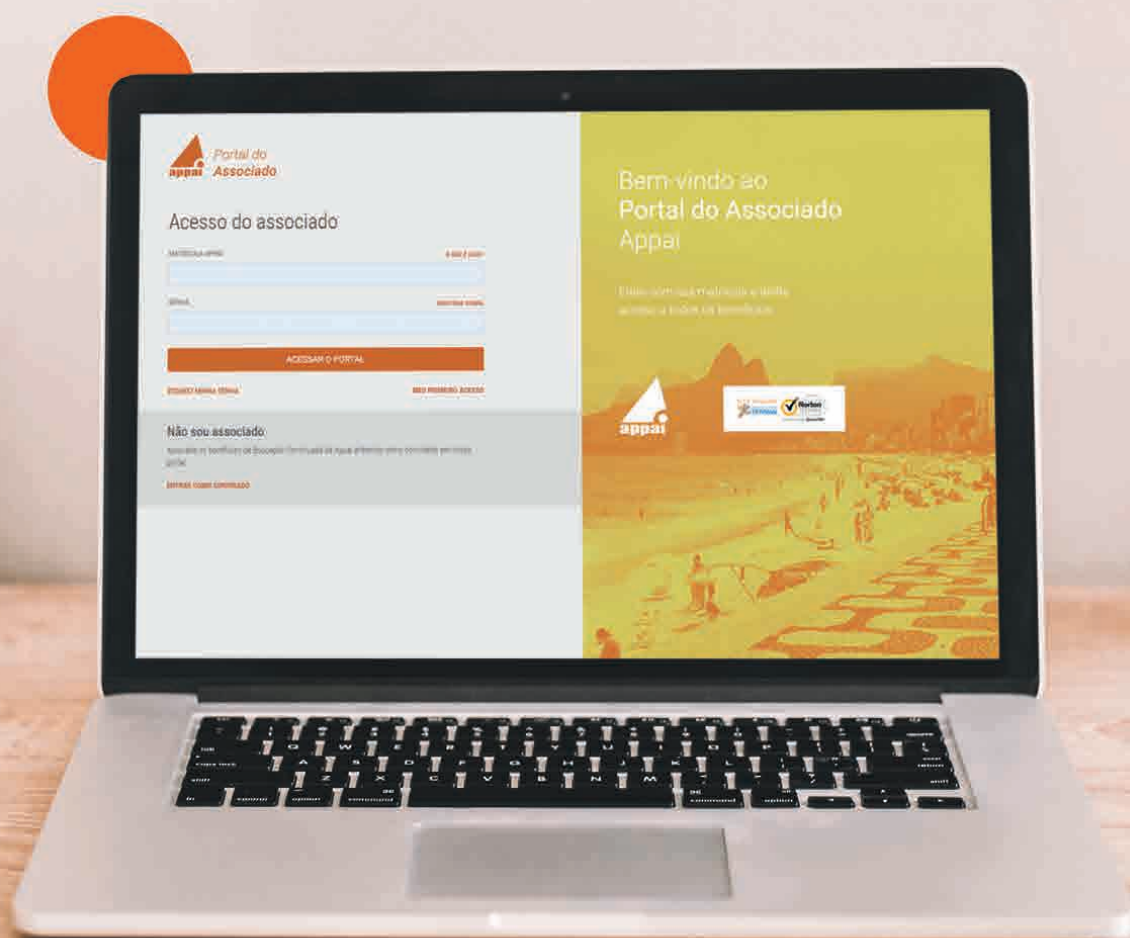


Você vai encontrar no novo Portal do Associado:

- Guia do Associado para busca *on-line* ou *download*
- Utilização/inscrições dos eventos dos Benefícios
- 2ª via de boleto
- Carteira Associativa *on-line* (digital)

E muito mais!

Após o primeiro acesso, convidamos você a conhecer o site da Appai.



interclube



**SUA
CARTEIRINHA
VALE MUITO.**

**Apresente-a e
aproveite os
descontos**

A partir de

35%

**MEDICAMENTOS
GENÉRICOS TARJADOS**

A partir de

20%

**MEDICAMENTOS DE
MARCA TARJADOS**

5%

**PERFUMARIA
E HIGIENE PESSOAL**

**Drogaria
São Paulo**

**drogarias
Pacheco**

DROGASIL

**Droga
Raia**

+ Onofre

Bifarma
Sempre com uma pitada de você!

- Plano de saúde ambulatorial + hospitalar com obstetrícia opcional com melhores condições
- Plano odontológico com franquias (Premium Plus Franquia)
- Medicamentos(*) no clube de descontos (Interclube)

(*) Rede de drogarias sujeita a alterações, conforme disponibilidade da operadora conveniada.



PORTO MARAVILHA

seu novo polo de treinamento

Faça parte da Gigante das Corridas: a Maior Equipe de Corredores de Rua do Mundo!

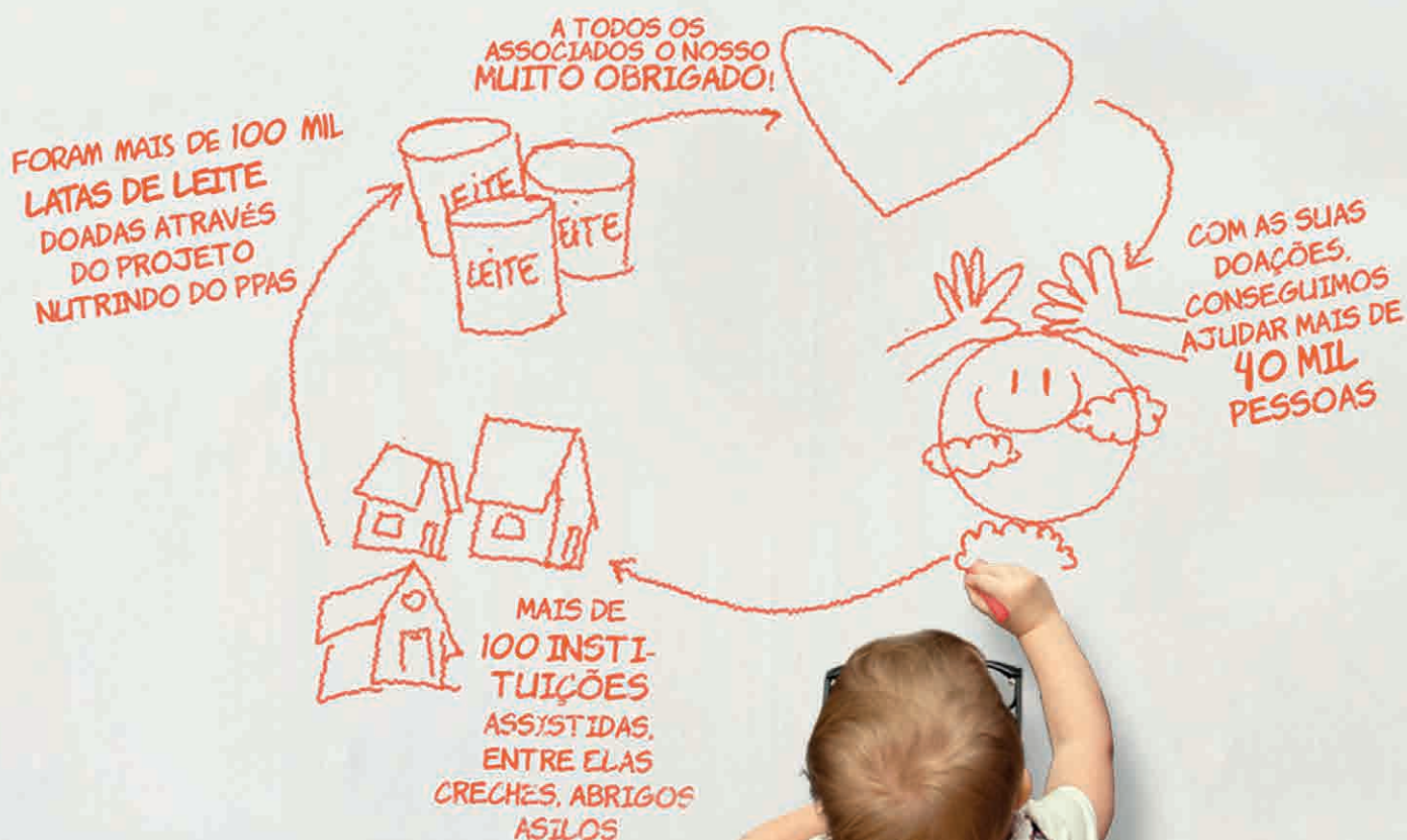
 Acesse: appai.org.br



Transforme
seu corpo,
sua mente,
sua vida



Existem muitas formas de
mudar o mundo.
Você fez uma delas!





34° grande

baile

Appai

O Baile mais aguardado do
Rio de Janeiro **já tem data marcada:**

25 de Maio